Magia Sexualis

Pascal Beverly Randolph

Colecção: JANUS
Série: SATURNALIA
Direcção: ANTÓNIO CARLOS CARVALHO
Capa e orientação gráfica: Estúdios Vega
Versão de EDUARDO LEÃO MAIA
Ilustrações: Manuela Loureiro Nunes
Apêndice musical: Jorge Portela da Silva
© Editorial Vega
Rua Jorge Ferreira de Vasconcelos, n.º 8
Lisboa-2

Composição e impressão:
Tip. Severo, Freitas & Freitas (Filho), S.A.R.L.
R. Manuel Soares Guedes, 13-A — Lisboa
3.000 ex. em Janeiro de 1978

COLECÇÃO JANUS

Dois rostos da mesma realidade, passado e futuro, Céu e Inferno, início e fim. Na sua b(arca) passamos da face aparente das coisas à face escondida a que muitos poucos têm acesso. E assim navegamos sem nos perdermos, sobre as águas da indiferença e do caos. No fim da viagem, com as suas chaves abre-nos a porta da sua terceira (verdadeira) face: a do eterno presente.

SÉRIE
CONTRA-INICIAÇÃO
A EXPERIÊNCIA DEMONÍACA
DE
ERNEST DE GENGENBACH
VOLUMES I e II

SÉRIE
HISTÓRIA
HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA
EM PORTUGAL
1733-1912
DE
M. BORGES GRAINHA
VOLUME III

'PROFECIAS' DO BANDARRA
APRESENTAÇÃO DE
ANTÓNIO CARLOS DE CARVALHO
VOLUME IV

PARA A HISTÓRIA DA FRANCO-MAÇONARIA
EM PORTUGAL
1913-1935
DE
ANTÓNIO CARLOS DE CARVALHO
VOLUME V

A HISTÓRIA SECRETA DE PORTUGAL
DE
ANTÓNIO TELMO
VOLUME VI

AKENATON E NEFERTITI
O CASAL SOLAR
DE
CHRISTIAN JACQ

SÉRIE
TEXTOS TRADICIONAIS
A CRISE DO MUNDO MODERNO
DE
RENÉ GUÉNON

MAGIA SEXUALIS

Versão estabelecida na base da comparação de várias versões (inglesas, francesas e americanas, privadas ou não), anotada, comentada e corrigida por Eduardo Leão Maia

PASCAL BEVERLY RANDOLPH

PASCAL BEVERLY RANDOLPH

APRESENTAÇÃO

Vem a propósito deixar aqui inscritas algumas palavras respeitantes às controversas questões do Sexo e da Magia, tanto em foco nos últimos anos e, como é habitual na nossa época, tão mal compreendidas, tão deturpadas no seu verdadeiro significado.

«O sexo é a maior força mágica da natureza; nela actua um impulso que provém do mistério do Um, mesmo quando, nas relações entre homem e mulher, quase tudo se degrada em abraços animais, se esteriliza e se dispersa num sentimentalismo insípido e idealizante, ou no regime habitual das uniões conjugais socialmente autorizadas.»

«A metafísica do sexo subsiste até nos casos em que, perante o espectáculo da miserável humanidade, e da vulgaridade de infinitos amantes de raças infinitas — máscaras e individualizações inúmeras do Homem Absoluto à procura da Mulher Absoluta, numa aventura sempre de novo sincopada no círculo de geração animal — se consegue dificilmente vencer um sentimento de revolta e de desgosto e ser-se-ía tentado a aceitar a teoria biológica e física que faz derivar a sexualidade humana da vida dos instintos e da simples animalidade.»

«Todavia, se um qualquer reflexo de uma transcendência *vivida* toma involuntariamente forma na existência vulgar, isso acontece através do sexo, e quando se trata do homem vulgar, *apenas* através do sexo. Não aqueles que se entregam a especulações, a actividades intelectuais, sociais ou «espirituais», mas somente os que se elevam até a uma experiência heróica ou ascética, vão mais longe a este respeito.»

«Mas para a humanidade actual só o sexo procura aberturas além dos condicionalismos da existência puramente individual. É esse o verdadeiro fundamento da importância que o amor e o sexo tiveram e terão sempre na vida humana, e que não é igualada por qualquer outro impulso».

Esta longa citação pertence a um livro que quisemos traduzir e publicar nesta colecção, o que não pudemos fazer graças a estranhas circunstâncias até agora não esclarecidas [1].

Referimo-nos a «Metafísica del Sesso», de Julius Evola, obra cuja leitura consideramos primordial para se poderem entender quais as relações correctas que devem existir entre o Sexo e a Magia. Primordial, igualmente, para dar o devido enquadramento a este texto de Pascal Beverley Randolph.

A «tese» de Evola, que fazemos nossa, é a de que o Sexo é dúplice, contém em si possibilidades de vida e de morte — lembremo-nos que Vénus é, simultâneamente, a divindade do amor e da morte.

Assim, o Sexo «mata-nos» quando nos deixamos possuir por ele; e é criador de vida quando somos nós a dominá-lo, dirigindo-o para

---

[1] Efectivamente, mesmo depois de nos terem sido garantidos os direitos de opção sobre a obra pela representante da editora italiana, e quando nos preparávamos para encetar a sua tradução, o livro apareceu traduzido nas livrarias, lançado por outra editora... Pedidas explicações à representante das Edizioni Mediterranee, continuamos à espera que a situação seja esclarecida.

qualquer das suas duas legítimas funções: a da reprodução e a da regeneração mágica.

Também Frithjof Schuon acentua que a sexualidade possui dois aspectos distintos: um «nobre», outro «impuro»; um «vertical», outro «horizontal». A sua nobreza deriva do Protótipo divino porque «Deus é Amor» (e assim o amor, forma de união, está em conformidade com a natureza divina); o nosso corpo é como a metade de uma esfera, todas as faculdades e movimentos tendem para um centro perdido mas encontrado simbolicamente na união sexual — desse modo, reconhecemos qualquer coisa do centro perdido no outro participante nessa união. E o amor que daí resulta ou que motiva essa união é uma sombra longínqua do amor de Deus. Por outro lado, fora das suas duas condições de procriação e de contemplação, o simples gozo sexual resulta numa profanação que precipita a queda nos estados infernais. Logo a sexualidade é sagrada ou então é infra-humana.

Ou seja: contra a absurda obsessão do Sexo a que hoje assistimos em todos os domínios da nossa vida quotidiana (o que representa uma «feminização» do nosso tipo de vida, próprio, aliás, deste final de ciclo, desta Idade de Kali), contra essa «possessão demoníaca» a que estamos constantemente sujeitos, importa desenvolver as possibilidades de ordem superior que o impulso sexual contém em si mesmo.

É por esse motivo que se pode falar de uma «metafísica» do Sexo. É por isso, também, que devemos encarar as vias que, como a do Tantra Yoga, nos indicam a necessidade de transformar «o veneno em remédio», utilizar o impulso sexual para, dominando-o, alcançar um maior nível de consciência.

E é neste ponto que entra em cena a experiência mágica.

Sabemos como é frequente ouvirmos e vermos confundir a Magia com o «ilusionismo» ou a «prestidigitação». Ora a Magia é uma ciência tradicional autêntica, embora realmente de carácter inferior — assim, segundo acentua Guénon, no declínio de uma civi-

lização, é o aspecto mais inferior de uma Tradição, o aspecto mágico, que persiste mais tempo e que contribui, aliás, pelos desvios que origina, para concluir a sua ruína; é o que se teria passado, segundo parece, com a Atlântida.

Na Magia, acentue-se, nada existe de verdadeira iniciação. Ela refere-se exclusivamente ao domínio «psíquico», manejando as influências desse género. Por essa razão, no Tibete, na China e na Índia, a Magia era abandonada aos que eram incapazes de se elevarem a uma ordem superior.

Logo, não devemos esconder os perigos particularmente graves que a Magia oferece aos ocidentais modernos, facilmente seduzidos, como temos visto, pelo seu carácter experimental. São realmente muito frequentes os riscos de desequilíbrio causados pela comunicação com o que alguns chamam «plano vital» (isto é, o domínio da manifestação «subtil»).

Convém, portanto, distinguir com precisão os ritos mágicos dos ritos religiosos e iniciáticos — e não os confundir, misturando-os no mesmo almofariz doutrinal. Convém, ainda, não pretender ver em todos esses personagens ligados às práticas de Magia (Randolph, Aleister Crowley, Eliphas Levi e os teosofistas seguidores de Helena Petrovna Blavatsky) qualquer semelhança com autênticos iniciados.

Uma vez entendidos àcerca deste ponto, acrescentemos que «Magia Sexualis» aparece nesta colecção a inaugurar uma nova série, «Saturnalia», que será da responsabilidade de Eduardo Leão Maia, o qual, pelo cuidado com que rodeou a edição desta obra de Randolph, nos dá garantias da qualidade e seriedade que continuamos teimosamente a reivindicar para todos os títulos desta colecção.

«Saturnalia», como o próprio nome indica, incluirá textos que se referem ao «mundo inferior», textos marginais e de apoio que não se destinam propriamente a alimentar a curiosidade mórbida de um certo público ávido de «novidades», sejam elas quais forem, mas antes a esclarecer e a informar o leitor mais consciente do que são realmente, por exemplo, a Magia ou a Feitiçaria.

É que, lembremos mais uma vez, «Janus» não faz concessões a «vagas» disto ou daquilo, a temas que estejam na moda — pode, sim, ir até ao ponto de aproveitar essas «modas» para mostrar, através de textos que nos merecem confiança, o que elas representam e a que conduzem no meio deste reino de confusão em que vamos vivendo.

Voltemos ainda a «Magia Sexualis» e ao seu autor.

Conforme se indica na biografia resumida que mais adiante se publica, Randolph pertenceu à «Hermetic Brotherhood of Luxor», que não se deve confundir com a «Hermetic Brotherhood of Light», fundada em 1895, ou com a «Hermetic Brotherhood», criada em Chicago, em 1885.

Essa organização, que Guénon considerava «uma das raras fraternidades iniciáticas sérias que existem ainda no Ocidente», opunha-se resolutamente à famigerada Sociedade Teosófica e às sociedades «rosicrucianas» inglesas. De facto, a H. B. of L. era adversária declarada da «Golden Dawn in the Outer» e da «Societas Rosicruciana in Anglia» (a que pertenciam Robert Wentworth Little e Mac-Gregor Mathers). Daí que a interpretação dos fenómenos, embora aqui e além manifeste ainda alguma contaminação «ocultista», seja dada por Randolph com uma lucidez invulgar nos autores ligados a estes meios e que por isso nos importa assinalar. Aliás, a própria perseguição que lhe foi movida por Blavatsky, e hoje pelos seus pobres herdeiros, só contribui para que Randolph suba na nossa «cotação».

Quanto a Maria de Naglowska, pouca coisa haverá a somar ao triste quadro que Eduardo Leão Maia nos vai dando da sua «seriedade» nas oportunas notas acrescentadas ao texto. Tal como outros autores da mesma época e da mesma escola, o seu poder de invenção e de imaginação fértil obriga-nos a ficar sempre de sobreaviso em relação a cada linha das páginas das suas obras. Nessas páginas aparecem (também como é habitual nos autores «ocultistas») misturadas amostras de verdadeiro conhecimento com as mais insólitas fantasias. Especulações pessoais, fórmulas meramente literárias, fascinação

do «satanismo», de tudo isso se encontra nesta autora que, no entanto, teve frutuosos contactos com certos meios russo-caucasianos, os quais lhe terão fornecido as poucas informações sérias que se encontram nas suas obras.

Por tudo isso se torna ainda mais valioso o trabalho de separação do trigo e do joio que Eduardo Leão Maia efectuou com este texto.

António Carlos Carvalho

STAND FOR ITS RIGHT

Pascal Beverly Randolph

QUADRO A — CORRESPONDÊNCIAS PLANETÁRIAS

Planeta e som	Metal	Número	Cor	Perfume (Em gramas)	Pedra
C = Dó ☉	ouro	6	amarelo	laranja ..... 400 alteia ..... 100 violeta de Parma... 300 lavanda 200	Diamante
F = Fá ☽	prata	9	prateado (branco)	açafrão ..... 300 flor de tílea ..... 200 tomilho ..... 300 madressilva (folha) 200	Pérola
E = Mi ☿	mercúrio	8	multicor	anis ..... 200 datura stramonium 400 maçã (sumo) ..... 250 acácia (casca) ..... 100 alho ..... 50 perfume planetário 167	Sardonix
A = Lá ♁	cobre	7	verde	pinhão (suco) ..... 320 lis (folha) ..... 100 amargoseira ..... 150 rosa ..... 135 murta ..... 245 mandrágora (folha) 50	Esmeralda
G = Sol ♂	ferro	5	vermelho	Aarão (int.) ..... 215 menta ..... 335 câmanho (folha)... 150 amargoseira ..... 120 alho (int.) 180	Rubi
H = Si ♃	estanho	4	azul	violeta (flor) ..... 280 césamo (grão) ..... 250 aloés (fruto) ..... 150 madressilva (caule) 320	ametista
D = Ré ♄	chumbo	3	negro	Kyosciamus niger 250 tabaco (raíz) ..... 150 mandrágora (raíz) 380 fava ..... 20 Kminius (grão) ... 50 ópio 50	onix

QUADRO B — INFLUÊNCIAS

(*P.* — Propícias;

Forças	☉	☽	☿
☉	Sexualidade activa Autoridade	Disposições Idílicas	Orientação prática e idealista
☽	*COMB. P.* Harmonia	Imaginação viva Espírito de justiça	Poder de concentração
☿	*COMB. P.* Força inteligente	*COMB. P.* Idealismo, Poesia	Natureza calma e prática Comércio
♀	*COMB. P.* Compreensão do mistério sexual	*COMB. P.* Inteligência, curiosidade	*COMB. P.* Estética
♂	*COMB. P.* Energia, coragem	*COMB. I.* Instabilidade de ideias	*COMB. P.* Combatividade
♃	*COMB. P.* Ambição benéfica	*COMB. P.* Força dominadora	*COMB. I.* Desregramento
♄	*COMB. I.* Incapacidade de submissão à ordem	*COMB. I.* Pouca energia; Preguiça	*COMB. P.* Engenhosidade

PLANETÁRIAS COMBINADAS

I, — Impropícias)

♀	♂	♄	♃
Sensualidade e Sentimentalidade	Amor da glória; Calma; Coragem	Altruísmo	Imaginação criadora
Amores ligeiros e volúveis	Entusiasmos rápidos e instáveis	Fantasismo Inconstante	Submissão passiva às influências astrais
Amor do mistério	Talentos oratórios; Busca do desconhecido	Pensamentos errantes, sem objecto	Intuição; Amor do Além
Sexualidade passiva Influência benéfica	Resistência às dificuldades da vida	Amor da Natureza. Mistério	Amores sucúbicos e incúbicos. Sabbat.
COMB. I. Disposições guerreiras	Sex. Activa Erotismo Tendências agressivas	Amor da ordem Organização	Raiva; Cólera; Crueldade.
COMB. P. Organização	*COMB. P.* Actividade, energia, inteligência	Música Iniciativa	Compreensão dos símbolos
COMB. I. Depressões nervosas frequentes	*COMB. I.* Nervosismo	*COMB. P.* Sabedoria; Filosofia	Abstracção Metafísica

AGRADECIMENTOS E NOTA DE ABERTURA

Esta versão da obra «Magia Sexualis» teve como «guião» a tradução francesa feita por Maria de Naglowska. No entanto, dada a sua pouca credibilidade, e os erros falaciosos de que foi vítima, inúmeras pesquisas foram feitas até conseguir estabelecer-se uma versão tão correcta quanto possível que, pensamos, será esta. Pelo contacto com alguns adeptos de Randolph, tivemos a oportunidade de recolher, quase sempre de memória, *alguns elementos valiosíssimos a respeito da sua obra. Como uma das únicas versões comercializadas, não extintas ou quase, é a de Maria de Naglowska, vimo-nos forçados a tomá-la por guia. Muitas correcções tiveram de ser feitas, no entanto, para conseguir dar ao leitor aquilo que, como seguidores de Randolph, pensamos ser a sua verdadeira obra.*

Agradecemos aos que nos facultaram elementos tão valiosos para o estabelecimento de uma versão correcta, no nosso país e no estrangeiro, e pedimos desde já ao leitor que nos perdoe qualquer eventual erro.

Eduardo Leão Maia

PREFÁCIO

O autor da obra que apresentamos, Pascal Beverly Randolph, é talvez um dos personagens mais desconhecidos, incompreendidos e misteriosos do mundo da Magia do século XIX ([1]). *A apresentação ao público português de uma obra de sua autoria requer, logicamente, uma pequena introdução a seu respeito.*

Pascal Beverly Randolph nasceu em New York, a 3 de Outubro de 1825. O pai era um rico proprietário de Vermont e a mãe, Flora Beverly, de sangue hova, *descendente directa da dinastia real de Madagascar.*

Quando Randolph tinha cinco anos, um acontecimento trágico iria dar à sua vida um rumo algo diferente do que estava a ter até aí: a mãe morre-lhe e o pai, por qualquer motivo, entrega-o aos cuidados de uma meia-irmã. O desinteresse quase total desta pelo jovem, cedo o obrigou a aprender na rua aquilo que na escola, à qual faltava sistematicamente, não lhe ensinavam.

A pouco e pouco, fruto de um esforço de vontade prodigioso (se

---

([1]) É interessante notar que, na sua obra «Metafísica do Sexo», Julius Evola o apresenta como pertencendo ao séc. XVIII. Um grave erro, a corrigir.

tivermos em conta a época em que viveu — Randolph era mestiço, como se a escassez de recursos não fosse suficiente para lhe criar dificuldades na vida), consegue formar-se em medicina e, ao mesmo tempo, armazenar uma imensa cultura, que o iria conduzir (somada à enorme experiência de vida que já possuia) aos graus mais elevados da inteligência humana.

Aos quinze anos foge de casa e torna-se grumete a bordo de um navio, o que lhe permitirá percorrer regiões do globo até aí inacessíveis à grande maioria dos seus contemporâneos. Vítima de um desastre, é obrigado a abandonar a profissão, e torna-se tintureiro e barbeiro, sempre com a ideia fixa de continuar a correr mundo.

Desde muito jovem, Randolph sempre sentira uma enorme atracção pelos domínios obscuros da Magia, o que o levou a ligar-se a organizações e sociedades esoteristas, (1) e a pesquisar muito por sua própria conta.

No decorrer de uma viagem à Síria, tem o privilégio de ser um dos primeiros ocidentais a receber a iniciação nos ritos da seita dos Ansariehs (2), *ou Alauítas.* Detentor de todos os graus de iniciação nessa seita, Randolph fundará logo a seguir, nos Estados Unidos, o seu próprio grupo — os* Sacerdotes de Aeth.

Randolph sempre sentiu profundamente a falta da sua mãe, podendo-se dizer que a sua obra mágica reflecte, de certa forma, a nostalgia do amor maternal que tão cedo lhe faltou.

«Nasci no meio do amor, junto de uma mãe que me amava, e que eu amava, e todos os seus sofrimentos eram sofrimentos para mim», dirá na sua autobiografia. «Sou o modelo vivo dos seus sentimentos, das suas intensas paixões... do seu amor,...da sua agonia,

* Ou seitas Nazaréis.

---

(1) Começou os seus estudos na *Hermetic Brotherhood of Luxor*, um dos ramos na altura ainda não degenerados da Fraternidade Rosa-Cruz.

(2) A que Randolph se referirá, na sua obra, ao falar de «Mistérios Ansariehticos».

terrível como a de mil instrumentos de tortura... Da sua solidão. Fui toda a vida um eremita, mesmo quando no meio dos outros homens». O amor inextinguível que sente pela mãe cedo se transformará numa admiração quase filial pelas mulheres em geral, a qual não deixará nunca traduzir a mais pequena ponta de aberração ou mania (de que virá, aliás, a ser acusado).

Os contactos que terá, mais tarde, com os membros de algumas seitas tântricas da Birmânia e do Sião, cedo se juntarão a essa propensão natural, o que irá dar origem à sua teoria do sexus, *objecto desta obra.*

Entretanto, nos Estados Unidos, torna-se numa espécie de conselheiro espiritual do presidente Lincoln e doutras importantes figuras do meio americano da época, na sua grande maioria ligados à Maçonaria local: John Brown, promotor da «cruzada anti-esclavagista» de Boston, em 1854, que daria origem à Guerra da Secessão, o general Allen Hitchcock, autor da uma importante obra sobre Alquimia, e outros.

Na Europa, ser-lhe-á conferido o título de Supremo Grão-Mestre da Fraternitatis Rosae Crucis, *pela mão de Eliphas Levi, assim como da* Ordem do Lis. *Na Espanha, receberá a iniciação da seita secreta dos* Alumbrados, *adeptos da prática do Amor Puro. As suas viagens levá-lo-ão ainda a outros países, tais como a Inglaterra, a França, (onde conhecerá Alexandre Dumas). a Turquia, a Grécia, a Arábia, etc.*

Durante a Guerra da Secessão, será encarregue por Lincoln de supervisar as obras educativas destinadas aos escravos libertos.

Em 1870, funda a sua própria organização, Eulis Brotherhood, *na qual, acompanhado por Fontaine e Bergevin, examinará os diversos aspectos das «ciências ocultas» à luz da ciência, como mais tarde o faria um outro grande mago, Aleister Crowley.* [1]

Pouco tempo depois, a morte surpreendê-lo-á, não antes que a

---

[1] Que a sua obra, certamente, terá influenciado.

sua obra tenha causado, nos mais diversos meios da época, reacções interessantes.

... ...

Para a grande teorizadora da Teosofia, Mme Helena Petrovna Blavatsky, HPB, como é carinhosamente apelidada pelos seus seguidores, Pascal Beverly Randolph constituía o verdadeiro protótipo do «mago negro». Embora, pelo tom da sua pele, essa confusão pudesse ser feita, o juízo de HPB era, no entanto, diferente. Não podia suportar que Randolph se entregasse a práticas de Mão Esquerda, pois essas, a seu ver, constituíam uma espécie de «pecado», eram um atributo dos famosos «Irmãos da Senda Obscura», que os modernos autores brasileiros tanto temem, nos nossos dias. (1)

Numa daquelas suas famosas «crises de boxe metafísico», resolve desencadear uma «batalha espiritual» com Randolph, recorrendo, como sempre, à famosa ajuda dos seus eternos amigos «superiores desconhecidos», Lamas Dawa-Kazis, Mestres Khutumis, e outros. Batalha essa à qual, ao que parece, Randolph não atribuiu a mais pequena importância, dada o seu espírito calmo e (por vezes excessivamente) pacífico.

A sua morte, que ocorreu nessa altura, contribuíu para encher de orgulho os discípulos da Mme. HPB. Em plena fase de expansão, a Sociedade Teosófica cedo ocupou todos os «lugares vagos» da «assembleia», apagando quase da história todos os seus «inimigos».

Mas se Randolph tinha morrido, o mesmo não acontecera aos poucos discípulos que lhe permaneceram fiéis (o que nem sempre aconteceu). As suas obras continuaram a circular, em silêncio, e as edições privadas foram várias.

---

(1) Os escândalos homossexuais do reverendo Leadbeater contribuiriam mais tarde, para um atenuar do «radicalismo» pseudo-esoterista da S. T.

Em 1931, uma «discípula» póstuma de Randolph, que viria a notabilizar-se pela liberdade com que interpretaria os seus ensinamentos, publica a sua versão da presente obra, acrescida de uma introdução da sua autoria que muito deixa a desejar. O nível da tradução peca pela inocência excessiva e pelos «apports» líricos, não obstante o ter sido feita «segundo o manuscrito inédito deixado por P.B. Randolph». Ora isso parece-nos difícil, pois nessa altura os manuscritos* inéditos *não deveriam ser já muitos, e duvidamos sinceramente que Maria de Naglowska (nome da editora) possuísse algum.*

A presente versão, não obstante ser baseada no guião de Maria de Naglowska, é corrigida pelo tradutor, com base em recolhas efectuadas junto de adeptos de Randolph (na sua grande maioria, pouco simpatizantes de M. de N.), e pela comparação com outras versões, também «baseadas em manuscritos», sob a direcção, evidentemente, da «luz da ciência» que serviu a Randolph para a sua elaboração original.

Todas as notas e comentários são de nossa autoria, e feitos com a intenção de clarificar o texto.

E. Leão Maia

I

INTRODUÇÃO («Introduction to the Misteries»

Em algumas publicações da nossa autoria [1] — que, ao que parece, suscitaram um certo descontentamento, mesmo até um movimento ofensivo contra nós,* entre os ocultistas que não admitem a Doutrina Sagrada [2] que ensinamos, colocada perante as que eles próprios forjaram, quem sabe se para poderem «navegar» mais facilmente — pusemos em destaque as lei principais, as verdades fundamentais, que todos os iniciados descobrirão um dia, seja qual for o caminho que percorram.

Resumimos essas verdades numa série de volumes manuscritos, e proclamamos desde sempre a nossa teoria, segundo a qual *a mais poderosa, a principal força da Natureza é o Sexo.*

---

(1) Além de «Magia Sexualis», Randolph escreveu ainda: «A Comunicação com os Mortos», «Os Mistérios de Eulis», «Os Espelhos Magnéticos», «O Mistério Ansariehtico», «Asrotis» «Dhoula-Bell», «Magh-Thesor», «She», «Master Passion».

(2) Alusão a Helena Bravatsky. Randolph joga com o nome da sua obra principal, «The Secret Doctrine», em que a autora expõe a base doutrinária da teosofia.

A Eulis Brotherhood, que em primeiro lugar reconheceu e aceitou essa verdade, sabia bem que, ao fazê-lo, se ia expôr a perseguições Mas, desprezando os inimigos, confiou os manuscritos a algumas pessoas de confiança, dando-lhes o velho conselho segundo o qual «não deverás deitar pérolas a porcos».

Só que, infelizmente, o livro caíu noutras mãos.

E isso é bastante lamentável. Porque a via que seguimos é uma Via Real (1), e ela não existe para ser seguida por imbecis e charlatães, nem por aqueles que só procuram fontes de receita perfeitamente egoístas.

É uma via reservada a homens corajosos e a raras mulheres, que sabem tirar o devido proveito da sua correcta utilização.

No livro «Os Mistérios de Eulis», fornecemos alguns dados materais que podem servir de directiva para evitar estados psíquicos mórbidos; mas tudo isso só poderá ser de alguma utilidade para indivíduos mentalmente fortes, pois os poderes superiores só são dados a quem os sabe apreciar. Essas forças não se renovam, como é óbvio, no imenso vazio dos espíritos fracos, e só se revelam ao homem quando as diferentes correntes de influência exterior se acalmaram nele, pelo poder da vontade fria e da paciência, ritualmente experimentadas.*

A Eulis Brotherhood quer que todos os seus alunos se tornem senhores de um verdadeiro EU, e por isso permite que, livremente, trabalhem em vista do seu próprio aperfeiçoamento, dando-lhes as linhas gerais do método e alguns conselhos úteis, baseados na experiência.

---

(1) Pensamos que não será necessário chamar aqui a atenção para a distinção tradicional entre as Vias Real e Sacerdotal. Convém, no entanto, reforçar o aviso de Randoplh: trata se de uma Via Real, Heróica. Poderemos notar aqui a influência Tântrica de Mão Esquerda, segundo cuja doutrina este tipo de práticas se destina a homens de tipo heróico, *Virya*, e não sacerdotal, *Dyvia*.

* Isto é, revelam-se quando o indivíduo aprende a perder, no seu sentido correto, do monte que evita escrúpulos, que impede a formação de núcleos psíquicos. Equivale à vontade desembaraçada de propósito. Ver: Bhagavad-Gita 3:30; ver também: Liber CCXX 1:44.

Quando a Fraternidade envia a um dos alunos o seu livro de instrução, não o faz porque pense que ele já esteja à altura de compreender todas as suas doutrinas. Um livro não é mais que um indício traçado sobre o papel: é ao aluno que compete içar as velas do seu próprio barco, e orientá-lo para a margem onde brilha o Sol, *por si só*. (1).

O aluno que aceita as nossas directivas aprende a forma de exercer a «Volância», o «Decretismo», o «Posismo», com a ajuda de meios materiais, que facilitam o seu trabalho e lhe dão as chaves para aquisição de uma força que lhe trará, conforme a sua preparação, a bênção ou a morte, com a rapidez do relâmpago.

Essa força assemelha-se à que desencadeia furiosamente os elementos da natureza, mas o iniciado, dada a sua preparação e conhecimentos, domina-a com eficácia. (2)

---

(1) Randolph pretende pôr em evidência os perigos inerentes a um tipo de Via que assenta, fundamentalmente, no despertar de forças pouco comuns. Trata se de uma espécie de aviso, semelhante ao habitualmente feito pelos seguidores do Kundalini Yoga Tântrico junto de quem, como tivemos oportunidade de anotar, o autor recolheu elementos diversos.

(2) Voltaremos a encontrar esta alusão ao poder do «relâmpago» no cap. V. O «relâmpago» *(Vajra)* é um símbolo frequentemente utilizado pelos seguidores do Tantrismo, normalmente assimilidado ao «diamante». O «diamante-relâmpago» simboliza, assim, a «consistência», a preparação do adepto, e a força que a sua vontade yóguica é capaz de desencadear num determinado momento.

II

A FÉ DE EULIS («Eulis Faith»)

Tudo quanto existe na terra, física ou metafisicamente falando, todas as forças, todas as qualidades e poderes do Universo, têm o seu centro, o seu ciclo e as suas estações.

Para não sucumbir, o adepto deverá estar em harmonia com o regime universal.

Existem esferas espaciais, das quais emanam influências determinadas.

São habitadas por inteligências fluídicas e sólidas, e por forças, susceptíveis de serem dirigidas pelo homem e com as quais ele deve tentar unir-se, se conhecer as relações entre a matéria e o espírito*(1).

O acaso não existe. Na vida humana, como em todo o Universo, todo e qualquer acontecimento é uma resultante de causas e regras, de leis que regem o mundo desde tempos infinitos. São essas leis que dão, aos que as conhecem, a possibilidade da adivinhação.

A Eulis Brotherhood acredita na grande e inteligente Presença,

---

(1) Conceito clássico de Magia, algo «enfeitado» por Randolph.

no Poder e na Força, nos quais se reflectem o passado, o presente e o futuro [1].

Essa Presença está rodeada de energias mentais maravilhosas, e a sua Essência Suprema está envolvida por poderes formidáveis.

A Eulis Brotherhood crê nos mundos eléctricos, etéricos e fluídos, situados para além [2] das fronteiras do mundo material.

A comunicação com esses mundos está submetida às leis da natureza [3].

Esses mundos são mais belos, maiores, mais misteriosos, que todos os nossos largos horizontes terrestres.

São infinitos, maravilhosos, ornamentados por nebulosas e constelações imensas. E formam, através do espaço, paisagens ilimitadas.

Esses mundos são, para o nosso Universo, aquilo que este é para uma cidade de térmitas das selvas da África.

A Eulis Brotherhood crê nas hordes de seres e inteligências poderosas, cuja origem não é humana, material, e junto das quais o mais sublime génio da Terra não passa de um pequeno grão de

---

(1) Não se trata, como alguns poderão pensar, de um «credo» naquilo a que os seguidores da Teosofia chamam «arquivos akásicos».

(2) «Beyond», no original inilês.

(3) «... e eles encontram-se perto das ilhas fluídicas, à volta das quais nadam, como conchas, sobre os seios do Mar Azul». Esta é a continuação do período, segundo a versão de Maria de Naglowska. Nas versões inglesas e americanas que nos têm passado pela mão, esta frase surge mais ou menos idêntica, ou não surge sequer. Segundo a opinião de alguns seguidores de Randolph, nas quais poderemos, eventualmente, incluir a nossa, a sequência do período é perfeitamente descabida, visto que, como o leitor poderá constatar, não tem a mínima relação com o espírito da frase. Não nos parece, de facto, que o autor desta sequência seja Randolph, até porque não se trata do seu tipo de linguagem. É uma linguagem muito mais do tipo da de Maria de Naglowska, a quem alguns dos discípulos do autor acusam de «assassinar» a obra do mestre. Quanto ao seu aparecimento em algumas das versões de língua inglesa, é natural que, eventualmente, tenham sido estabelecidas por adeptos de M. de N.

areia sobre o majestoso flanco de uma montanha, uma gota de água no oceano, uma brisa raptada por um furacão.

A Eulis Brotherhood crê na realidade desses mundos, invisíveis para o olho comum, pois os seus iniciados contemplaram-nos durante as suas exaltações *(sialam)*.

E testemunharam que esses mundos não têm origem no nosso planeta, nem em nenhum mundo semelhante ao nosso.

Os seres que neles habitam conhecem os mistérios superiores, e proclamam que o verdadeiro poder espiritual se adquire por meio do domínio da força sexual [1], visto que estes dois elementos são complementares.

Mas é impossível comunicar com esses seres por meio dos métodos frequentemente utilizados pelos círculos espíritas, assim como pelo método mesmérico, e os meios intelectuais habituais em nada servem para o conseguir.

Somente a exaltação *sialam* (método tibetano) permite evocar as suas imagens, por meio do espelho mágico, pois elas são sobrehumanas, espirituais, sábias, poderosas.

(Chamam-se Nereides e) [2] A filosofia que ensinam é a «filosofia de Eulis».

Nós, os membros da Eulis Brotherhood, cremos em Deus, reco-

---

[1] Segundo a tradição Tântrica, sem a prática de Kundalini Yoga nenhuma evolução espiritual real (segundo a sua doutrina, a verdadeira evolução espiritual é a que combina *moksa*, a Libertação, com *bhoga*, o Gozo, no sentido de vivência) é possível. E toda a sua prática se inicia pelo domínio da energia sexual. Isto não deve fazer com que o leitor pense que Randolph, nesta obra, ensina os segredos da prática do Kundalini Yoga. A sua intenção era a de preparar um terreno que a sua morte prematura não lhe permitiu semear. E a prática do Kundalini Yoga é demasiado perigosa para que os seus adeptos publiquem livros a seu respeito. Verdadeiros adeptos e livros sérios, entenda-se.

[2] Relativamente ao início deste período, remetemos o leitor ao nosso comentário à nota (3 da página 34, pois o problema é o mesmo).

nhecemos a sua omnisciência e omnipresença, e cremos também que o homem foi criado à sua imagem.

Cremos na Natureza, que é para nós a representação da Inteligência Suprema, e proclamamos que Deus existe em todas as coisas e em todos nós.

E, contemplando a Natureza nas suas manifestações múltiplas e diversas, baseando-nos na nossa experiência pessoal, guiando-nos pela sabedoria que nos foi revelada, afirmamos que o Sexo e a força principal e fundamental de todos os seres, a mais poderosa da Natureza, o maior testemunho da existência de Deus.

III

POLARIZAÇÃO DOS SEXOS («The Charging of Sexes»)

Os mistérios de que tratamos nesta obra têm o nome de «Mistérios de Eulis» e de «Mistérios Ansariehticos» [1].

Os MISTÉRIOS DE EULIS contêm a teoria, baseada nas leis supremas, e são para nós como que a ciência das esferas superiores, ao passo que os MISTÉRIOS ANSARIEHTICOS tratam da sua aplicação material.

A prática dos elementos teóricos expostos nos Mistérios de Eulis tem o seu segredo na lei universal e eterna das polarizações que é, ao mesmo tempo, a base sobre a qual assenta todo o edifício da doutrina de Eulis.

Com efeito, todo o Universo, todos os seres vivos, sem qualquer excepção, são dirigidos pelo princípio de duas forças antagónicas, que exercem um poder de atracção simultâneo e imutável. São as forças positiva e negativa, o bem e o mal, a emissão e a recepção, a vida e a morte, a ideia e a acção, o homem e a mulher — polos

---

[1] Segundo a versão de Maria de Naglowska, «mistérios anseiréticos».

positivo e negativo — no plano material e, ao contrário a mulher e o homem — positivo e negativo — no plano mental* (1).

A ciência dos mistérios ensina-nos que, do mesmo modo que na natureza o sexo do macho atrai o da fêmea, é possível atrair a forma desejada por uma criação voluntária do seu negativo, ou vice-versa.

É esse o princípio básico de toda a Magia (2). Não existe lei superior a essa. É ela que nos permite pôr em prática os actos operatórios, de dois modos: intelectualmente, isto é, friamente, e sensualmente, no amor.

Ninguém ignora que o maior milagre da criação é a procriação. É a concretização de uma energia, que tem a sua origem na união de dois pólos contrários — positivo e negativo. Ora, na união sexual entre um homem e uma mulher, o contacto não se estabelece sómente sobre o plano físico, mas também no plano mental, pois, como o afirma a lei de Hermes, «o que está em baixo é como o que está em cima» (3).

Ao passo que o *phallus*** do homem é polarizado positivamente e a *kteis**** da mulher negativamente, a cabeça do homem, ou seja, o órgão das suas manifestações mentais, é polarizado negativamente, em relação à cabeça da mulher que é, por sua vez, positiva.

Isto explica porque é que o homem, cheio de iniciativa no que diz respeito às manifestações físicas do amor, espera, pelo contrário, o convite da mulher, o seu sentimento e paixão mental, para começar a subir a escada da união nos planos superiores.

Antes da ligação física (num caso normal, entenda-se), todos os sentimentos do homem são postos em marcha, para que a ideia mental se possa fixar nas melhores condições, confortemente à lei

---

(1) Stanislas de Guaita defende uma teoria semelhante, a este respeito.

(2) A polarização, portanto.

(3) Segundo a «Tábua de Esmeralda».

* Dadas as diferenças de género de seus duplos-etéricos.

** phallus: pénis.

*** kteis: vagina.

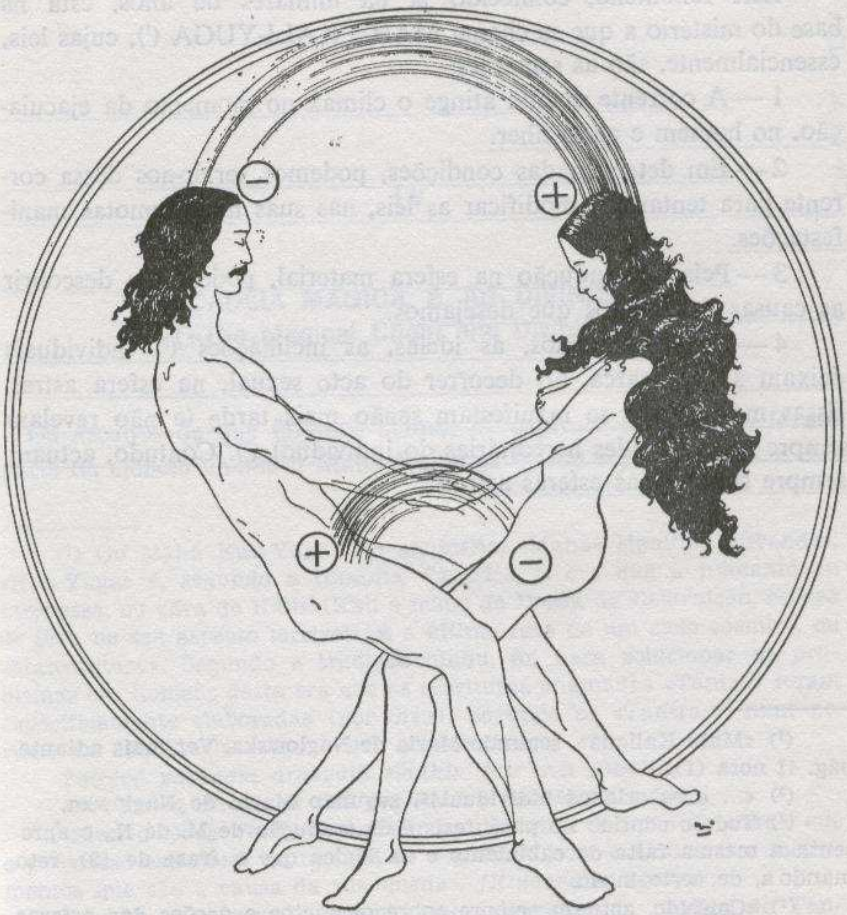


FIG. 1

POLARIZAÇÃO DOS SEXOS

de indução entre os pólos mentais e físicos dos dois indivíduos de sexos diferentes. (Ver figura 1).

Este fenómeno, conhecido já há milhares de anos, está na base do mistério a que se chama MAHA KALI-YUGA [1], cujas leis, essencialmente, são as seguintes:

1 — A corrente mental atinge o climax no momento da ejaculação, no homem e na mulher.

2 — Em determinadas condições, podemos servir-nos dessa corrente para tentarmos modificar as leis, nas suas mais remotas manifestações.

3 — Pela sua indução na esfera material, poderemos descobrir as causas dos efeitos que desejamos.

4 — Os pensamentos, as ideias, as inclinações [2] individuais deixam a sua marca, no decorrer do acto sexual, na esfera astral. Essas marcas não se manifestam senão mais tarde (e não revelam sempre as qualidades hereditárias do indíviduo) [3]. Contudo, actuam sempre sobre [4] as esferas astrais.

---

(1) «Mahi Kaligua», segundo Maria de Naglowska. Ver mais adiante, pág. 41 nota (1).

(2) «... e as origens individuais», segundo Maria de Naglowka.

(3) Todo o contido no parêntesis é da tradução de M. de N., e apresenta a mesma falta de cabimento e de lógica que a frase de (2), retomando a, de certo modo.

(4) «Contudo, actuam sempre sobre os factos e acções das esferas astrais», segundo Maria de Naglowska. Como sempre, mais uma das suas faltas de lógica de raciocínio, acrescentada ao seu francês péssimo. Não esquecer que, além de tudo o mais, M. de N. era russa, casada com um polaco, tinha fugido para França, onde veio a traduzir a obra de Randolph directamente do inglês.

IV

A CADEIA MÁGICA E AS DIVINDADES
(«The Magical Chain and Divinities»)

Os arcanos de que falámos acima, no capítulo precedente, fazem parte da ciência chamara Maha Kaliyuga [1], ou seja, a «Ciência dos

---

[1] Ou Maha Kali-Yuga. Em sânscrito, «Maha» significa «Grande». «Kali-Yuga» é, segundo a filosofia Tântrica, a era que a humanidade atravessa, ou «Era de Kali» (Kali é nome da Deusa da Destruição, esposa de Siva no seu aspecto terrível). É a última fase de um ciclo cósmico, ou «Manvantara». Segundo a tradição hindu, foi para solucionar os problemas dos homens desta era que as escrituras chamadas «Tantra» foram especificamente elaboradas (por Siva). Segundo os «Tantras», num período de decadência como o que atravessamos,

Yairêvâ patanam dravyaih siddhis 'tair évâ choditâ,
Shrî Kaulâ darshané châ évâ Bhairavénâ Mahâtmâna,

(Siva, o Deus Terrível, ensinou na doutrina da Mão Esquerda que o progresso espiritual do homem só é possível com o auxílio dos instrumentos que são a causa da sua queda». *(Kulârnava Tantra)*.

Ora, os ritos sexuais fazem parte integrante da prática do Tantrismo de Mão Esquerda — e Pascal Beverly Randolp sabia-o. Para o Tantrismo o sexo é como que a força que obriga o yogi, o *sadhak*, o *tantrikâ*, a sair de si próprio, e é utilizado, por meio de práticas apropriadas, para transportar o adepto para outros «mundos». Escusado será dizer, para aviso aos incautos, que se trata aqui de um fenómeno de «transferência»

Tempos Tardios»* (1), e as gerações que nos precederam conheceram-nos e cultivaram-nos.

E afirmamo-lo, visto que também nós os recebemos, pela Tradição (2), e porque descobrimos a sua presença nos monumentos erigidos às divindades, no antigo Egipto, nos obeliscos que apontam para o céu como *phallus* fecundando a areia.

E esse testemunho ensina-nos que a lei sagrada do Amor rege o nosso planeta e todo o Universo.

Encontramos a revelação desta verdade na Ásia, nas imagens das divindades, cujos braços se elevam para o céu, num gesto de bênção ou maldição, e que atestam a verdade das nossas doutrinas, simbolizando o poder dos vínculos sagrados do Amor.

Além disso, digam o que disserem, a verdade fálica está na base de todos os rituais das sociedades secretas, e a arte sacra e as

---

metafísica que nada tem a ver aquilo que, hoje profanamente, se costuma praticar sob a capa de «Magia Sexual», ou mesmo de «Tantrismo» — confundir o Tantrismo com um «Yoga para o seu sexo» é «confundir uma bomba nuclear com um estalinho de carnaval». É uma técnica que faz parte integrante de uma ascese,** para a qual a obra de Randolph pode, quando muito, servir de introdução, *nunca de guia.*

Voltando à obra, Maria de Naglowska, na sua versão, volta a chamar «Mahi Kaligua» a «Maha Kaliyuga». Como vimos, «Maha Kali-Yuga» significa, literalmente, «Grande Era de Kali» — a era que possibilita o ensinamento tântrico, consequentemente o de Randolph, que é afinal, um repositório de ensinamentos orientais específicos sob a capa da Magia tradicional, operativa e ritualista, do ocidente. Quanto à designação de Maria de Naglowska, «Mahi Kaligua», mais não significa senão que a sua autora pouco ou nada percebia de sânscrito, menos de inglês (ver nota seguinte), muito menos de Tantrismo.

(1) Segundo Nagloswka, «Science du Vieil Âge». Só que a sua asserção pode induzir o leitor em erro, pois faz pensar em «ciência da antiguidade», dos «velhos tempos», que já não se pratica. Em algumas das versões que se nos depararam, «science of the late Times», o que significa «ciência dos Tempos tardios». E continua, dizendo, «... parce que les générations...;» consequência lógica do seu erro de tradução.

(2) «... pela Iniciação...», segundo algumas versões.

escrituras sagradas de todos os povos ensinam o seu mistério a todos os que as sabem ler.*

Os hierofantes do antigo Egipto conheciam o poder sugestivo da Arte, por isso a submeteram à Religião, impondo, aos escultores e pintores, leis e meios de expressão rigorosos.

E isso era um grande bem para a humanidade, visto que, impregnados de certas verdades, graças às imagens e às orações, permanentemente vistas e escutadas, os crentes punham-nas em prática quotidianamente (1).

Deste modo, utilizando a energia criadora dos seus súbditos, os hierofantes conseguiam criar nas esferas astrais divindades e demiurgos, alimentados pela energia vital da imaginação das massas. O astral colectivo tornava-se, assim, poderoso.

Pois o Amor, força divina que cria eternamente por meio da junção dos pólos negativo e positivo do átomo, alimenta-se da exaltação mística, assim como do temor, dos crentes. E o altar torna-se, através das gerações, o vaso para o qual convergem as forças portadoras (segundo a vontade daquele que as comanda) do bem ou do mal, da luz ou da escuridão, da Vida ou da Morte.

O Amor é a única lei universal, a lei que rege os espaços infinitos e actua onde quer que a vida exista. E um povo, no qual os costumes nupciais sejam conformes às leis eternas, constitui uma grande cadeia mágica, um elo entre o mundo material e as esferas superiores.

Daí resulta uma aliança entre as forças humanas e divinas, e a inteligência do homem tem, então, o poder de dominar o que está em cima e o que está em baixo, tornando-se o senhor do bem e do mal, e servindo-se desse poder conforme a sua vontade lhe dita (2).

---

(1) Segundo Maria de Naglowska «...os crentes punham-nas em prática durante as suas relações sexuais». Mais uma vez, carece inteiramente de sentido.

(2) É aqui que entra a «Lei de Theléme», formulada por Aleister Crowley: «Do what thou wilt shall be the whole of the Law».

*Ver: ADOUM, Jorge. Do sexo à divindade. 2.ed. São Paulo: Pensamento, 1993. (pp. 25-28)

É este o princípio, a verdade, que, tal como a estabelecemos, torna enorme a responsabilidade de um chefe de Estado, que seria, simultâneamente, o Iniciado Supremo, o Chefe religioso de um povo [1].

Mas quando a religião se dissolve, quando a humanidade esquece as leis primordiais de que falamos aqui e se deixa guiar por cegos, os males que se abatem sobre as nações são terríveis.

E quando, sobre a terra, se desencadeia a cólera, acumulada nas esferas superiores pela injustiça e indisciplina dos homens, não existe ninguém com força suficiente para deter essa praga e dominar as tempestades que destroem o mundo.

São os períodos críticos da história da humanidade, e todas as raças os experimentaram já [2].

---

[1] A este respeito, sobre a doutrina do «Pontifex-Rex», ver Julius Evola, «Rivolta contro il Mondo Moderno» e «Gli Uomini e le Rovine».

[2] Alguns seguidores de Randolph vêm, nestas últimas considerações, o aviso feito pelo mestre de que o fim de um ciclo se aproxima — a era de Kali, de que falámos acima; a do Aquário, para os tradicionalistas ocidentais

V

VOLANCIA («Volancy»)

Todo o discípulo que se propõe iniciar-se e compreender os mistérios de Eulis e os mistérios Ansariehticos deve, desde logo, aprender a dominar-se sob todas as circunstâncias. Assim, poderá avançar pela estrada da sabedoria como um mestre e não como um escravo.

Procurará, além disso, aumentar constantemente os seus horizontes intelectuais e forças individuais: mentais, magnéticas e psíquicas.

Tem que aprender a exercer as suas capacidades e vontade de uma forma calma, sem qualquer tipo de esgotamento nervoso.

A isto, chamamos «Volância».

Encontramos o seu equivalente natural na força irresistível do relâmpago, que tudo destrói e queima, sem por isso enfraquecer [1].

O discípulo deverá desenvolver no seu interior essa força elementar, ao mesmo tempo passiva e fria, passiva porque obedece ao comando do intelecto,* fria porque não é afectada pela paixão.

---

[1] Ver a n. nota [2] da página 31.

Essa força deverá ser desenvolvida e fortificada por um processo mecânico, para que nenhuma emotividade possa influenciar o aluno durante o seu exercício, que praticará todos os dias.

O exercício é o seguinte: o aluno fixará na parede um disco branco, com um ponto negro ao centro.

Durante cerca de sessenta segundos, fixará o centro desse disco, permanecendo perfeitamente imóvel.

Este exercício fortificará a capacidade de concentração do discípulo, assim como o seu poder de atenção.

Quando o minuto tiver decorrido, o aluno virará a cara e fixará o olhar numa superfície branca — sem modificar a posição dos olhos —, sobre a qual, por ilusão óptica, verá o mesmo disco, só que com as cores trocadas: o fundo negro, o centro branco.

A visão ilusória desaparecerá alguns segundos depois, para se repetir em seguida, se se persistir na imobilidade.

O disco da ilusão óptica deverá aparecer quatro vezes e, mais tarde, sete vezes [1].

Quando o discípulo estiver familiarizado com este primeiro exercício, repeti-lo-á com outros discos, coloridos segundo a gama do arco-íris. Desenvolverá assim as três capacidades: atenção, concentração e atracção.

Decorridos cinco ou seis meses — se continuar a exercitar-se metodicamente todos os dias — o estudante terá adquirido a capacidade de criar, fixando calmamente uma superfície branca, uma forma mental [2] ...Essa forma concretizar-se-á perante o aluno, e estabelecer-se-á entre os dois uma relação.

O mesmo exercício pode ser feito com a ajuda de um espelho mágico, no centro do qual se fixará um pequeno disco branco.

---

(1) Encontramos exercícios deste tipo nas práticas dos *jettatore* (lançadores de mau olhado), especialmente na Índia *(Barkat)* e entre os ciganos *(bibaxt)*.

(2) ..., que atrairá o corpo astral correspondente», segundo a versão de Maria de Naglowska. E prossegue: «Esse corpo concretizar-se-á perante o aluno,...».

O efeito desejado é, assim, obtido com mais facilidade: sobre a superfície do aparelho surgirá uma figura, que parecerá olhar para o discípulo e interrogá-lo

Não existe qualquer perigo na percepção deste tipo de fenómenos, apesar de haver alunos que não suportam estas visões. Aconselhamo-los a não perseverarem e a não darem este primeiro passo na estrada da Magia, pois a sensibilidade que degenera em terror denota fraqueza. Só os fortes podem e devem avançar.

Para um exercício mais avançado, os discos são preparados da seguinte forma: no centro do disco são espetados três pregos, à distância de uma polegada uns dos outros. O primeiro é de zinco, o segundo de cobre, o terceiro de ferro.

À volta dos pregos enrola-se um fio de cobre ou zinco, e segura-se uma das extremidades na mão direita.

Fixa-se o centro do disco, permanecendo imóvel.

Obtém-se, assim, a ajuda da electricidade, que fortifica a atenção e favorece a qualidade da concentração, tornando-a mais positiva.

Este exercício deve ser repetido por um período de três a oito meses. (1)...(2)

Os exercícios que se destinam ao desenvolvimento da Volância, assim como os que, mais adiante, se referem ao desenvolvimento do Posismo e do Decretismo, devem ser praticados com um

---

(1) O número de meses de duração do exercício tem, evidentemente, uma significação mágico-simbólica. O exercício deverá ser praticado durante oito meses ao todo. Durante os primeiros três meses, o adepto tentará agir sobre o seu ser, sobre os seus instrumentos interiores, ao passo que, nos restantes, *até ao fim do oitavo mês*, irá cultivar o seu poder de agir sobre o mundo exterior, projectando a sua força. Na primeira fase, tentará receber do «catalizador» (o disco, com os pregos), na sesunda, «carregá-lo-á».

(2) «...antes que se possa operar com objectos metafísicos», segundo a versão de M. de Naglowska.

cuidado extremo e uma seriedade perfeita, pois a derrota no caminho da Magia, por mais pequena que seja, provoca nevroses por vezes incuráveis.

E repetímo-lo: não perseverem, se sentirem angústias e temores nervosos.

VI

DECRETISMO (Ordering)

O segundo princípio de poder que deve adquirir o discípulo da Magia, tem, entre nós, o nome de «Decretismo».

É a capacidade de ordenar inelutavelmente, de obrigar outrém a desejar, a pensar, a sentir, a dizer o que queremos.

É também o poder de criar entidades, que podem viver, mover-se, aparecer e desaparecer, subir e cair, estacionar e voar, conforme ordenamos.

Trata-se da qualidade ditatorial, da força positiva do ser humano, sem a qual é impossível fazer qualquer bem ou mal verdadeiros.

É da maior importância que, no momento da emissão, a imaginação daquele que ordena esteja isenta, absolutamente, de qualquer outra preocupação, e que nenhuma emoção venha prejudicar ou influenciar a ordem, que parte como um relâmpago para, percorrendo qualquer distância [1], atingir o fim designado: um ser vivo, ou um objecto inanimado.

---

[1] »... que parte como um relâmpago para, através de qualquer espaço, por oceanos e desertos, atingir...», segundo a versão de M. de Naglowska.

A duração de «voo» da ordem, do seu ponto de partida até ao seu objectivo, não ultrapassa três a sete segundos (1).

Trata-se de energia benéfica ou maléfica da alma humana.

É também a mais formidável de que dispõe o homem, e pode ser utilizada para o bem ou para o mal.

Por isso é perigosa.

É uma força submetida a leis de periodicidade. A sua curva é uma elipse. A sua natureza é magnética.

Isto explica, entre outras coisas, porque é que o emissor das ordens as ressente (2) — é que o bem ou o mal que provoca vêm, infalivelmente, a recair sobre ele.

O mal susceptível de ser provocado por um decretista poderoso é tanto maior quanto mais baixos os seus sentimentos. Por isso não admitimos, nas nossas escolas, indivíduos mentirosos, faladores, demasiado idealistas ou nervosos.

Aconselhamos também os nossos alunos a experimentar o seu poder de Decretismo sobre si próprios antes de passarem ao Decretismo sobre qualquer outro objecto, não devendo esta última fase ser encetada senão depois de uma longa experiência e de uma verdadeira purificação da alma.

Não existem exercícios especiais para o desenvolvimento do Decretismo. É uma força que se define naturalmente no indivíduo, depois de passar pelos testes da Volância, e o seu exercício é o seu emprego.

---

(1) Mais uma vez, numeração simbólica. Significa que a ordem tem que ser «circulada» e depois «emitida». Trata-se, assim, de uma maturação interior, seguida de uma projecção para o exterior. Isso obedece a parâmetros definidos, sem os quais, como é evidente, a ordem não terá qualquer influência. O que Randolph apresenta, aos olhos do profano, como uma garantia de «resultado rápido» deve ser considerado, pelo contrário, como uma «receita» de exercitação e um limite de execução.

(2) Chamado, habitualmente, *choc-en-retour.**

* "Choque de retorno": Resultado de uma operação mágica em que por algum conflito interno do operador, o efeito volta-se contra ele. Em linguagem vulgar corresponde ao "feitiço virar-se contra o feiticeiro". Causas possíveis são os processos de culpa e a incoerência entre desejo e vontade.

VII

POSISMO (Posism)

O terceiro princípio de poder que os nossos adeptos devem desenvolver é o Posismo, que é a realização do estado receptivo ou emissor, por meio da disposição especial do corpo e da sua orientação zodiacal determinada, acompanhados por um estado propício de ideia e de sentimento. [1]

Trata-se, em suma, da ciência da magia do gesto, difícil de desenvolver, mas de resultados tão importantes.

Para se obter esse poder, é preciso desenvolver inicialmente a atenção e as capacidades de concentração e de abstracção, assim como a Volância e o Decretismo, de que tratámos nos capítulos precedentes.

Quando um dos nossos adeptos, especialistas do Posismo, pretende dar ou receber algo, [2] coloca-se em pose, isto é, coloca o corpo numa posição determinada e dá ao seu rosto a expressão ne-

---

[1] O leitor interessado no paralelismo tântrico da obra de Randolph poderá estudar com proveito o capítulo do Hathayoga chamado Mudra.

[2] »... Um beijo ou uma carícia...» segundo a versão e os «apports» de Maria de Naglowska.

cessária, por meio do olhar, das narinas e da boca, como se fosse um actor num palco.

Expulsa do seu espírito todas as preocupações e imaginações estranhos ao seu objectivo, e espera a realização pretendida, que se cumpre graças à lei que diz que tudo aquilo que se passa nos planos superiores [1] de um ser se reproduz no plano físico, e vice-versa.*

Não é difícil de compreender que a dificuldade consiste, acima de tudo, na concentração total do espírito sobre o efeito pretendido, pois o que caracteriza o estado humano habitual é, precisamente, a simultaneidade dos pensamentos mais diversos.

É por isso que, em certas lojas, os alunos se exercitam no Posismo durante anos, antes de conseguirem dar provas da sua capacidade.

Para o exercício do Posismo é fundamental observar as seguintes regras:

1. Escolher uma sala tranquila para a prática dos exercícios, onde não se ouçam ruídos e onde nunca entrem pessoas estranhas. [2]

2. Estudar, à frente de um espelho, a posição e expressão mais convenientes para a emissão ou recepção da ideia pretendida.

3. Ao princípio, não consagrar mais que cinco minutos ao exercício do Posismo, para que não se contraiam hábitos prejudiciais, que a fadiga poderá provocar.

Um mês mais tarde, um minuto diário será suficiente.

O exercício deve ser feito todos os dias à mesma hora. [3]

---

[1] «— metafísico, mental e etérico — ...», segundo a versão e as «confusões subtis» habituais de Maria de Naglowska.

[2] Este princípio é extensível, aliás, a toda a prática, e não só à do Posismo. O local, em Magia operativa, como em Yoga, é da máxima importância. Trata-se da velha concepção alquimista do *laboratorium-oratorium*.

[3] «Hora» no sentido mágico, naturalmente, e não unicamente mecânico. Cabe ao interessado escolher a hora que mais lhe convém segundo as bases astrológicas que lhe são inerentes.

4. Para que uma ideia se torne Posista, ou seja, susceptível de se realizar na sequência de uma *pose*, é preciso que ela seja cultivada incessantemente, até que se torne habitual ao vosso mental.

Claro que este resultado é impossível de obter no decorrer dos primeiros dias de exercício. Algumas semanas poderão ser ou não suficientes, mas a perseverança trará sempre os seus resultados.

Quando se tiver obtido o resultado desejado, quando a ideia posada se tornou familiar ao vosso mental, no qual se realizou, a sua *libertação*, a sua concretização material, obtém-se instantaneamente, e aquele que a emite sabe-o.

É dificíl de explicar a um profano a forma, a sensação precisa da familiarização mental da ideia. O poeta sabe qualquer coisa a este respeito, pois a sensação é semelhante à que ele tem quando se depara com a vida e com os seus personagens.

Mas não interessa, de qualquer modo, saber logo de início qual será essa sensação: se perseverarem, logo a conhecerão.

5. As *poses* principais a estudar são as seguintes:

a) *Para a captação passiva* — Ponha-se de joelhos, sentado sobre os calcanhares. (1) Dobre os braços em ângulo recto, apoiando os cotovelos nos flancos; lentamente, e sem mover os cotovelos, leve as mãos até aos ombros, apoiando-as neles. Os dedos devem estar ligeiramente arredondados, para que as pontas fiquem todas ao mesmo nível. Incline o tronco ligeiramente para trás e imobilize-se, continuando a observar as indicações gerais que se deram acima.

b) *Pose das paixões activas* — Sente-se no chão, debruçando-se um pouco para a frente. (2)

Estenda os braços, ligeiramente flectidos, e imite, com as mãos, as garras de uma águia, as palmas viradas para a frente.

---

(1) Vajrasana, «postura do diamante-relâmpago», no Hathayoga Hindu.

(2) O texto não especifica qual a posição. Por nossa parte, aconselhamos a anterior, dado o seu simbolismo — o relâmpago.

Como tema do exercício, pode escolher a cólera, inicialmente pessoal, com um objecto à escolha, mais tarde sem objecto. Ainda mais tarde pode escolher a cólera abstracta com objecto definido, depois abstracta sem objecto.

Qualquer destes temas deve ser estudado separadamente, durante um período de um mês cada um, pelo menos.

Só no fim de toda esta série de exercícios se poderá saber o que é ao certo a cólera pura, e o que faz com que tenha a natureza do relâmpago. (1) Este conhecimento é da máxima importância para o ocultista que procura compreender a essência dos elementos cósmicos, para descobrir as suas leis e a sua vida nos seres humanos.

Num período ulterior, repetir-se-ão os mesmos exercícios para conhecer a essência, mais longínqua, da bondade abstracta, que não tem absolutamente nada a ver com aquilo que conhecemos como *caridade*, para depois se conseguir apreender a verdade do amor. E quando conhecermos todas estas coisas, tentaremos, sempre pelo mesmo método, conhecer a justiça. (2)

Aquele que conhece a justiça já conquistou um grande terreno no caminho da evolução, pois possui a chave do equilíbrio, sobre o qual repousam todas as leis, estáticas e dinâmicas, da vida.

Os conhecimentos, primordiais ou derivados, que se adquirem pelo nosso método, são completamente diferentes daqueles que dão os livros, pois colocam o aluno na verdadeira essência das coisas, ao passo que os livros não lhe ensinam mais que as relações entre as ideias expostas. (3)

O estudo intelectual (que não deve ser negligenciado) confere a memória das palavras e ensina a arte de jogar com elas, mas os

---

(1) Um dos factores que nos fez aconselhar a postura anterior.

(2) Convém avisar o leitor de que Randolph se refere aos aspectos puramente *mágicas* de todas estas qualidades e não à concepção comum delas. Estamas perante uma obra mágica de tipo clássico — o autor chama a atenção para esse ponto através no título (em latim) —, e a velha técnica do «ler nas entrelinhas» tem que ser utilizada na sua leitura.

(3) Ora, o leitor está na presença de um livro.

nossos métodos, que assentam na sabedoria da África e da Ásia, trazem-nos o verdadeiro conhecimento daquilo que existe.

c) *Para a emissão activa* — Sente-se por terra com as pernas cruzadas. Estenda os braços para a frente, as palmas viradas para baixo, na direcção da terra. Os braços devem ficar em linha recta.

d) *Para a emissão passiva* — Sente-se da mesma forma, ou permaneça de pé, dando um pequeno passo para a frente com a perna direita. Afaste lentamente os braços, dobrando-os ligeiramente pelos cotovelos, e coloque as mãos como se estivesse a segurar um globo em cada uma. Eleve os braços, sem modificar a posição das mãos, até 45 graus acima do nível dos ambros.

e) *Aspiração* — Deite-se sobre uma superfície plana, virado para cima. Afaste os braços, com as mãos bem abertas, e forme com as pernas um ângulo de 45 graus. Esta postura pacifica o corpo e os nervos, e permite que o corpo se encha de energia, da energia que nos rodeia e também da de fontes mais subtis.

f) *Isolamento para a defesa* — Sente-se por terra. Dobre os joelhos e traga-os até junto do queixo. Rodeie as pernas com os braços, e cruze os dedos.

g) *Isolamento activo* — Deite-se de costas. Coloque a perna direita sobre a esquerda e cruze os dedos sobre a barriga, costas das mãos e para cima. Afaste um pouco os polegares e os mínimos, e toque com a ponta de uns nas dos outros. A correcta execução desta pose percebe-se quando se sente nas mãos uma corrente quente.

6. A maioria das posições passivas destinam-se a operações cujo objectivo é a captação de uma força. As activas, pelo contrário, ajudam-nos a emitir um gesto de agressão ou de defesa.

7. O *posista* hábil serve-se das suas faculdades, desenvolvidas pelos exercícios que enumerámos [1], como preparação para certos

---

[1] O leitor não deve, por isto, ficar a pensar que se encontram neste livro todos os exercícios de desenvolvimento do Posismo. Existem, de facto, práticas mais avançadas, que, como é óbvio, Randolph não poderia enumerar.

ambientes, para certos encontros, ou para entrar em contacto com qualquer ser vivo, com o fim de penetrar no seu estado de espírito particular, ou mesmo para adivinhar a sua acção em determinadas situações.

Além disso, por meio do Posismo, é possível atrair qualidades, boas ou más, que não se possuem ainda, e que são necessárias para se poder influenciar outros.

Muitos ritos de sociedades secretas e mesmo de algumas das religiões oficiais são baseados na ciência do Posismo.

De qualquer modo, o aluno que se inicia agora nos seus exercícios não precisa de se preocupar com o que resumimos em 7. Por nossa parte, não nos interessa mais que o necessário para os objectivos da nossa obra, e se damos algumas informações, fazêmo-lo a título meramente informativo.

Chamamos a atenção para o facto de que o Posismo não *é* unicamente um gesto corporal. Um gesto, sem mais, nada mais seria, se não suscitasse um estado mental que lhe correspondesse. Todo o gesto dá origem a um estado mental (1) e todo o mental (1), é uma influência.

É preciso também compreender a diferença essencial que separa o mental (1) da palavra. A palavra é anémica, o mental (1) está cheio de sangue. (2) A palavra tem uma ressonância surda, a mente (1) vibra como o mental. A palavra é uma imagem estática, o mental (1) uma entidade dinâmica (3).

O gesto suscita uma mentação (1), que se põe em movimento antes de se revestir pelas palavras.

O Posismo suscita-a, a ela e não à palavra.

---

(1) «Pensamento», segundo a versão de Maria de Naglowska.

(2) Randolph chama a atenção para a doutrina tradicional que estabelece relações estreitas entre o mental, na sua concepção de poder imanente e dinâmico, e o sangue.

(3) Foi, certamente, esta concepção do «mental» como dinamismo que provocou a sua confusão com «pensamento», feita por Maria de Naglowska, o que, a um nível mágico, não deixa de ser lamentável.

VIII

«TIRAUCLAIRISME» [1]

O «Tirauclairisme», ou força de evocação, permite-nos entrar em contacto com as pessoas distantes, com os mortos e entidades invisíveis, e é extremamente difícil de exercer.

A noite é mais propícia para este tipo de operações, dada a sua calma relativa. Mas, para que se adquira uma capacidade suficiente, muitos meses, mesmo anos, de paciência e trabalho, são necessários.

Eis os conselhos que damos aos principiantes:

Fixem, no vosso mental, uma imagem, uma luz, por exemplo, e não deixem que se desfaça.

Concentrem a vossa atenção sobre essa imagem, lutando contra todas as ideias ou fantasmas que procurem distrair o vosso espírito.

---

[1] Na versão de Maria de Naglowska. A tradução exacta seria «tiro-ao alvo», melhor, «tiraualvismo», que não nos agradou excepcionalmente. Para alguns dos seguidores de Randolph, «shooting», «disparar». Como se tornava extremamente difícil encontrar um termo adequado, achámos preferível deixar ficar a algo rebuscada designação de Maria de Naglowska que é, apesar de tudo, rica em significado.

A prática da Alta Magia é impossível para aqueles que não desenvolveram e reforçaram a faculdade real do «Tirauclairisme», que concede o domínio sobre o mental.

O homem vulgar mais não é que o escravo das imagens e pensamentos que surgem no seu mental, que passam pelo seu cérebro como uma multidão em fúria.

Quando te tornares o senhor das tuas faculdades, adquiridas ou redescobertas, só então poderás evocar as forças [1] que presidem e personificam as grandes qualidades humanas:* a ciência, a sabedoria, a lealdade, a franqueza, a coragem, a clemência, a justiça, a lógica, a poesia, a magia, que se reflectem nos diferentes ramos do saber humano: a geometria, a higiene, a dialéctica, a psicologia, a filosofia, a guerra, a medicina, a jurisprudência, a música, a astronomia e astrologia, o amor, a volúpia e a amizade.

As qualidades humanas constituem, nas esferas superiores [2], «sociedades», «fraternidades», «nações» distintas [3] [4] e, assim como nos é impossível consagrar-mos-nos, ao mesmo tempo, ao estudo de todas as ciências ensinadas nas universidades, é-nos impossível também pôr-mo-nos em contacto com todas as forças [1] que presidem às qualidades e faculdades humanas.

Assim, para que consigamos contactar com essas forças [1], é preciso dterminar com qual delas o pretendemos fazer.

Precisamos de conhecer também as leis particulares que as regem e as forças que comandam; e é preciso conhecer qual a «fraternidade» [3] de que dependem.

É interdita a divulgação ao profano da lei de cada força [4], embora todos tenham possibilidades de lhe descobrir as correspondências, por meio do estudo da ciência humana que a reflecte.

* Isto é, idealizações, como os antigos deuses, de aspectos da natureza humana.

---

(1) «Hierarquias», segundo Maria de Naglowska.
(2) «Nos espaços infinitos», segundo M. de Naglowska.
(3) Na versão de M. de Naglowska, sem aspas.
(4) Numa perpectiva platónica, arquetipal, bem entendido.

É útil, portanto, encetar o estudo das diversas disciplinas enumeradas acima, assim como compreender o seu espírito e leis. É o caminho do que está em baixo, que conduz à via do que está em cima.

Quanto aos nomes das forças [1] e das «sociedades» ou «fraternidades» [2] superiores [3], podem-se encontrar alguns nas religiões oficiais. Mas, mesmo que não façam pesquisas nesse sentido, descobrirão os seus nomes no dia em que tiverem compreendido as essências. E não vos será de qualquer utilidade conhecê-los mais cedo.

Quando, no decorrer do exercício de «Tirauclairisme», conseguirem unir-se a uma dessas forças superiores [4], a influência que receberem dela permanecerá sobre vós durante algum tempo, o que vos impedirá de tentar a união com outra força cujas leis sejam diferentes.*

Por isso é útil esperar durante um período de tempo, variável entre três e sete meses [5], antes de tentar a experiência.

Para entrar em correspondência com uma pessoa distante, vire-se na direcção do ponto geográfico [6] em que ela se encontra, e reconstrua na sua imaginação a fisionomia dela, assim como o ambiente que a rodeia.

Se agir assim, metodicamente, todas as noites à mesma hora, sentirá que, a pouco e pouco, a imagem evocada começa a viver em si próprio.

Em pouco tempo, ela aparecerá dentro de si logo após o primeiro apelo, penetrá-lo-á, rodeá-lo-á

---

(1) «Hierarquias», segundo Maria de Naglowska.

(2) Na versão de M. de N., sem aspas.

(3) Interplanetárias, segundo M. de N.

(4) «Hierarquias interplanetárias», segundo M. de N.

(5) O que quer dizer «ou três ou sete meses», no espírito da nossa nota (1) da p. 24.

(6) O Norte desta «Rosa dos Ventos» será o Norte Magnético e não o Norte geográfico, como é óbvio.

Sentirá a sua influência e calor, e poderá sugerir-lhe aquilo que quiser: uma ideia, um sentimento.

Mas o exercício deve ser feito até que a pessoa que se imagina se separe de nós próprios e se nos apresente como uma entidade quase insubstancial [1], a princípio, depois como um ser vivo, de carne e osso.

Se obtiver este resultado, criar-se-á um laço sólido entre você e a pessoa que lhe interessa e, se o desejar, ela poderá colaborar consigo no domínio que escolheu.

Se você é um artista da Grande Obra, se participa na reconstrução do mundo [2] visível e invisível, segundo a lei do Grande Arquitecto [3], só desejará a correspondência mágica com um outro humano que possa ajudá-lo no cumprimento da sua tarefa. Num caso como esse, as entidades superiores virão em seu auxílio e favorecerão a sua ligação oculta com o colaborador que lhe interessa. Ajudá-lo-ão a oferecer-lhe qualidades que ele não possui, a abrir-lhe horizontes que ignora, a dar-lhe a coragem e energia que lhe faltam.

Mas não fique espantado se constatar que ele atribui os dons que lhe passa, ou os poderes [4] que coloca ao seu serviço, como revelações pessoais. E não se entristeça se, em vez da gratidão e do reconhecimento que lhe são devidos, ele lhe responde com a ingratidão, mesmo com o ódio. São as forças [5] a que estava submetido que se vingam, pois esses dons transcendem-nas [6].

Mas tenha paciência, e transmita unicamente pensamentos carregados de amor à pessoa que escolheu, para que ele actue como uma chuva fertilizante, para que faça germinar a semente e crescer a planta, na glória de Deus.

Aquilo que lhe é devido virá mais tarde.

---

(1) «Transparente», segundo Maria de Naglowska.
(2) No sentido alquímico do termo, bem entendido.
(3) «Chefe», segundo M. de Naglowska.
(4) «Hierarquias», segundo Maria de Naglowska.
(5) «Entidades», segundo Maria de Naglowska.
(6) «... preocupam-se e enfurecem-se...», segundo M. de Naglowska.

Se desejar entrar em correspondência com alguém, mas com um fim pessoal ou egoísta, e se as forças superiores demoram mais a actuar [1], ser-lhe-á necessária uma maior dose de paciência.

Contudo, pela perseverança tudo se consegue, pois o homem pode dominar e submeter as forças superiores [2] [3], mesmo se os seus fins são repreensíveis.

É essa a grave responsabilidade que pesa sobre os ombros dos seres humanos, e foi por esse motivo que os iniciados sempre envolveram os seus conhecimentos sob um espesso manto de mistério. [4]

---

(1) «— pois está a afastá-la das suas ocupações habituais —», segundo M. de Naglowska.

(2) «Interplanetárias», segundo M. de Naglowska.

(3) Base fundamental da Magia operativa.

(4) Na versão de M. de Naglowska, o capítulo continua: «Se, hoje, revelamos os segredos, é porque a hora da Luz está próxima. A força que vai vencer está perto de nós». Claro que este parágrafo não fazia parte da versão original, mesmo até porque esta obra, quando foi escrita, não se destinava a ser publicada, portanto não iria revelar nada a ninguém, a não ser aos discípulos de Randolph. O fim do capítulo da versão da M. de N. é, aliás, de conotações nitidamente teosóficas (no seu prefácio, ela elogia mesmo a obra de Helena Blavatsky), como o são os termos que utiliza no decorrer da obra, que temos vindo a mostrar aos leitores nas notas fastidiosas a que essa constante interferência na linguagem do autor nos obriga. E se a obra de Randolph pode interessar na sua versão tanto quanto possível corrigida, a versão, a linguagem, a dicção «macarrónica» com que Maria de Naglowska a apresenta, só a pode prejudicar — uma tradução fiel a essa versão não a capacitaria a muito mais que um lugar num escaparate de qualquer estação de caminhos de ferro.

IX

ASTROLOGIA, PERFUMES, CORES, SONS

(Astrology, Perfumes, Colours, Sounds)

Nos capítulos precedentes, abordámos os exercícios mentais que todos os alunos devem praticar, inicialmente, para que o resto do nosso ensinamento lhes sirva para qualquer coisa, no que diz respeito ao caminho do aperfeiçoamento individual.

Dissémos que era preciso aprender a técnica da Volância, ou seja, adquirir a capacidade de emissão tranquila de uma força mental para o objectivo escolhido.

Desse princípio, simbolizado geralmente pela letra A [1], passa-se ao Decretismo. Desenvolve-se a capacidade de emitir ordens peremptórias, tranquila e seguramente, sem a mínima hesitação ou dúvida quanto à obtenção do resultado pretendido.

Passa-se, em seguida, ao signo S [1], que simboliza o Posismo, ou seja, a combinação de acções [2] relativas ao corpo e ao espírito, e que permite a criação de formas e estados [3].

---

(1) O leitor achará estranhas estas designações alfabeticas dos princípios. Por nossa parte, nunca conseguimos compreender o que entendia Randolph por estas iniciais. E nunca encontrámos quem o soubesse.

(2) «Regras», na versão de Maria de Naglowska.

(3) «... e cujo simbolismo se encontra na franco-maçonaria sob as iniciais V. O.», segundo a versão de Maria de Naglowska. Um pequeno *apport* que se nos afigura completamente desnecessário.

E, por fim, o Tirauclairisme, ou seja, a evocação de formas de seres vivos e de espíritos [1], simbolizados pelos Nomes.

O discípulo que adquiriu uma perícia suficiente nestes exercícios preliminares deverá conseguir realizar todos os seus projectos.

Mas deverá tomar cuidado com as diversas emoções que o assaltarão, nos momentos em que a influência que emana fôr mais forte.

É a natureza que se defende daqueles que procuram dominá-la.

Mas não percam a coragem. Os homens que sabem servir-se dos seus meios trifunfarão da natureza.

A — Astrologia

Na Astrologia, como na Magia Sexual, a Lua, segundo planeta principal do nosso sistema* [2], desempenha o papel mais importante.

Assim, é preciso ter em conta o que se segue:

1 — A Lua, planeta feminino, favorece a potência feminina.

2 — Quando a Lua entra na sua fase de crescimento, os seus aspectos femininos [3] acrescem-se proporcionalmente. É o período propício para as acções mágicas da mulher, pois as radiações lunares são-lhe favoráveis. Para o homem é o período favorável para as operações passivas de aceitação, assim como para a correcção das faculdades adquiridas ou desenvolvidas.

3 — Quando a Lua entra na sua fase de decrescimento, o período torna-se propício para as operações activas do homem, para a projecção da sua influência sobre outrém, para ordenar, para alterar a carga do *volté*** (figura mágica) [3] ou para o carregar com uma força agressiva.

---

(1) «Essências imateriais», segundo Maria de Naglowska.

(2) Astrológico, bem entendido.

(3) «... a sua forma feminina...», segundo M. de Naglowska.

(3) Ver mais adiante.

4 — As variações do fluxo magnético da Lua atingem o máximo entre o 28° e o 1.° dias da revolução lunar. O mínimo dá-se entre o 14.° e o 15.° dias desse mesmo ciclo.

5 — Durante o período masculino do mês lunar pode operar-se activamente, beneficiando-se da influência dos planetas masculinos. Durante o período feminino — segundo e terceiro quartos — praticar-se-ão as acções passivas.

Para se determinar o potencial de força de uma pessoa, de acordo com o seu horóscopo individual, faz-se a adição algébrica das forças e fraquezas dos planetas que se encontram no seu tema natal.

Obtém-se assim, para cada um dos sete planetas do nosso sistema, um número que indica a sua força de influência sobre a pessoa em questão.

Esse número poderá ser empregue na preparação do perfume, cor e melodia individuais, que são grandes auxiliares na realização dos objectivos pessoais, assim como nas operações mágicas com alcance mais vasto.

B — As cores

Para se encontrar a cor individual de uma pessoa, a cor que sintetiza um período [1], ou a que favorece a execução de uma operação mágica determinada, proceder-se-á, inicialmente, ao estudo das relações horocópicas de todas as forças planetárias, conformemente ao quadro **A:**

1 — Para cada um dos planetas do horóscopo, convenientemente estabelecido, anotar-se-ão as forças (+) e as fraquezas (—).

2 — Subtrair-se-ão os valores negativos dos positivos [2] e esta-

---

[1] «Uma época», segundo Maria de Naglowska.

[2] «Adicionar-se-ão os valores positivos e negativos», segundo M. de Naglowska.*

* Deve ser o mesmo: (x-y) = (x) + (-y).

belecer-se-á o ponto de equilíbrio, ou seja, o resultado definitivo [1]. para cada planeta, separadamente.

3 — Preparar-se-á um disco com dois pés de diâmetro, e a circunferência será dividida em tantas partes quantas as unidades do resultado definitivo obtido, ou seja, a soma total dos pontos de equilíbrio obtidos para cada planeta.

4 — O disco será, então, dividido em igual número de sectores iguais.

5 — Atribuir-se-á a cada um dos planetas um número de sectores, correspondente ao número dos seus pontos de equilíbrio, estabelecido de acordo com o quadro A. Os pontos de equilíbrio equivalentes a zero ou de valor negativo serão rejeitados.

6 — O sector de Mercúrio será dividido em tantas partes iguais quantos os planetas que se consideram, sem contar com ele próprio.

7 — O sector de cada planeta será pintado com a sua cor correspondente. Essas cores serão repetidas, na mesma ordem, nas subdivisões do sector de Mercúrio.

8 — O disco assim preparado será fixo sobre um eixo rotativo, que se fará girar rapidamente, de forma a que se obtenha a ilusão de uma só cor. Essa cor será a que se pretendia encontrar.,

9 — Faz-se em seguida uma cópia do disco.

EXEMPLO

Suponhamos que, depois de termos estabelecido um horóscopo natal e consultado o quadro A, encontrámos as seguintes relações:

---

[1] «A soma definitiva», segundo M. de Naglowska. Como o leitor pode verificar, a incorrecção destas instruções, tal como M. de N. os apresenta, iria inverter completamente os resultados das operações. E a sua falta de cuidado vai até ao ponto de apresentar o quadro de EXEMPLO, (mais adiante), constituído correctamente. De facto, o quadro que apresentamos é o que vem na versão de M. de N., sem quaisquer alterações.

Planetas	☉	☽	☿	♀	♂	♃	♄	Resultado definitivo
Forças	30	50	45	45	45	35	25	
Fraquezas	10	43	5	3	15	15	35	
Pontos de equilíbrio ...	20	7	40	42	30	20	-10	159

Dividiremos então o disco em 159 sectores iguais e, conformemente aos pontos de equilíbrio encontrados, atribuiremos respectivamente:

20 sectores para ☉
7 » » ☽
40 » » ☿
42 » » ♀
30 » » ♂
20 » » ♃

Visto que o seu ponto de equilíbrio é negativo, ♄ não terá qualquer sector sobre o disco.

Traçados os sectores dos diferentes planetas, passa-se em seguida à respectiva coloração:

☉ — amarelo
☽ — branco
♀ — verde
♂ — vermelho
♃ — azul

O sector de Mercúrio, que se subdividirá em cinco pequenos sectores iguais, receberá todas estas cores (ver figura 2).

O estudo da influência das cores pode conduzir-nos a resultados espantosos e interessantes. Nenhuma receita mágica poderá ser eficazmente estabelecida sem ter em conta o factor da cor individual, obtida segundo o método que acabámos de expor.

HORÓSCOPO

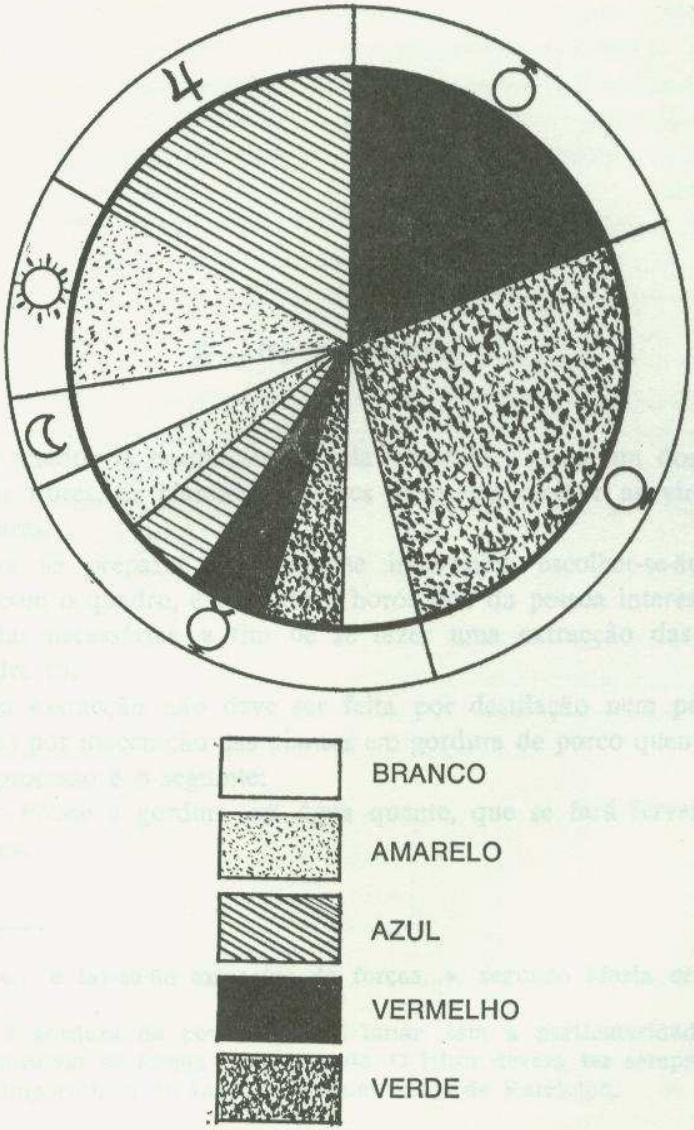


FIG. 2

C — OS PERFUMES

No quadro A encontram-se, relativamente a cada um dos planetas, as flores, as plantas, que lhes absorvem melhor as virtudes particulares.

Para se preparar um perfume individual, escolher-se-ão, de acordo com o quadro, e segundo o horóscopo da pessoa interessada, as plantas necessárias, a fim de se fazer uma extracção das suas qualidades [1].

Esta extracção não deve ser feita por destilação nem prensagem, mas por maceração das plantas em gordura de porco quente [2].

O processo é o seguinte:

1 — Põe-se a gordura em água quente, que se fará ferver por três vezes.

---

[1] «... e far-se-ão extractos de forças...», segundo Maria de Naglowska.

[2] A gordura de porco, animal lunar, tem a particularidade de melhor absorver as forças deste planeta. O leitor deverá ter sempre em conta a importância da Lua nos ensinamentos de Randolph.

2 — Junta-se-lhe sal de cozinha mineral [1], na proporção de dois para um, isto é, duas unidades de sal para cada unidade de gordura.

3 — Deixa-se a gordura, bem misturada com o sal, num banho de água fria, de preferência corrente, até que todo o sal tenha desaparecido.

4 — Aquece-se a gordura de novo, e maceram-se então as plantas nela.

5 — Separam-se depois as plantas da gordura, e deixam-se arrefecer.

6 — Quando estiverem frias cortam-se aos bocados, que se colocarão a seguir em maceração no álcool obtido pela destilação de um vinho branco de qualidade durante 14 dias.

A fim de se proporcionarem os extractos de plantas, obtidos da forma indicada, para se fazer o perfume individual, recorrer-se-á ao método acima citado (para as cores).

Com os dados do exemplo acima ilustrado, ter-se-ão:

☉ 20 partes
☽ 7 »
♀ 42 »
♂ 30 »
♃ 20 »

☿ { 40/5 de ☉
40/5 de ☽
40/5 de ♀
40/5 de ♂
40/5 de ♃

---

[1] (O sal marinho não tem as mesmas propriedades), segundo M. de N.

⁂

A cor individual de uma pessoa, encontrada pelo método que propomos, é a expressão óptica da síntese do seu carácter.

Dissemos que é possível também obter a cor característica de um estado mental. Para isso, estabelecer-se-á em primeiro lugar o valor proporcional das forças subtis que concentram e atraem as influências necessárias para esse fim.

O mesmo processo horóscópico ajudar-nos-á a fazê-lo. E, assim que tivermos encontrado a cor desejada, rodear-nos-emos dela quando da realização das operações mágicas, por meio de projectores e *décors*.

O mesmo deverá ser feito com o perfume que reforçará os efeitos benéficos da cor.

Se o perfume se destina a uma mulher, deverá juntar-se à mistura o extracto da flor Chenopodium Vulveria,* na proporção de dois gramas para cada dez.

Para um perfume de homem, utilizar-se-á o *Kastania Sauerdon*, nas mesmas proporções.

A utilização dos perfumes que propomos é muito eficaz para o exercício do posismo.

Servir-nos-emos igualmente deles, em combinação com a influência da cor, para carregar o *volte*, (1) ou qualquer outra matéria, com o poder necessário para a correspondência oculta com uma pessoa viva ou com uma entidade ou força (2) espiritual.

* Leia-se: Chenopodium Vulvaria.

---

(1) Ver adiante, p. 103.

(2) «Hierarquia», segundo M. de N.

D — OS SONS E A COMPOSIÇÃO DAS MELODIAS INDIVIDUAIS

O Quadro A dá-nos a relação das forças planetárias com os sons correspondentes, que evocam por analogia de vibrações.

Nas receitas que damos neste livro, não nos preocuparemos com a obtenção de efeitos mágicos por meio da música, na medida em que os outros elementos que citámos e que citaremos ainda são suficientemente eficazes para a obtenção de resultados satisfatórios.

Todavia, para que se obtenham resultados extraordinários, que ultrapassem todos os outros, necessário se torna *ousar* a experiência acústica, que se encontra na base das entoações de todos os ritos de evocação.

O leitor deverá notar que, sem a entoação correcta, as palavras mágicas, tais como os *mantra*, não têm qualquer poder [1].

Eis as regras fundamentais a extraír da ciência oculta dos sons:

I — Reduza proporcionalmente os números que estabelecem a força de cada planeta, de tal modo que o valor máximo seja exprimido por 5, e o mínimo por 1, admitindo um arredondar de 0,5. Rejeite os valores 0 e negativos.

---

(1) «... não têm todo o seu poder», segundo a versão de Naglowska.

Terá, assim

☉	☽	☿	♀	♂	♃	♄
20	7	40	42	30	20	0
3	1	5	5	4	3	0

2 — Seguidamente, forme a escala das forças:

♀	☿	♂	♃	☉	☽
5	5	4	3	3	1

3 — Inscreva esses resultados sobre a pauta de Música (fig. 3).

a) Na proporção do parágrafo 2 (fig. 4).

b) Segundo o número que simboliza o planeta (fig. 5).

c) Uma escala natural de forças (fig. 6).

d) Introduza a força que caracteriza o objectivo visado (no nosso exemplo Vénus), e ordene os esquemas segundo a ordem: a, b; b, a; d e d invertido (fig. 7).

e) No esquema citado, cada força planetária tem o seu valor relativo, segundo a escala de 1 a 5:

1/16; 1/8; 1/4; 1/2; 1/1.

Traduzindo este valores pelas notas musicais correspondentes, far-se-á por acentuar as influências mais importantes, reforçando o som, por meio da multiplicação das cordas ou tubos dos instrumentos, ou por um prolongamento da nota.

A oitava musical pode ser escolhida à vontade, dado que a correspondência da nota com a força planetária não depende do seu timbre. O *do* ou o *la*, graves ou agudos, conservam a mesma eficácia.

A correcção tolerada de 0,5 permite substituir, se tal for necessário, a segunda por um meio tom. Poderá, assim, elevar o som a

FIG. 3

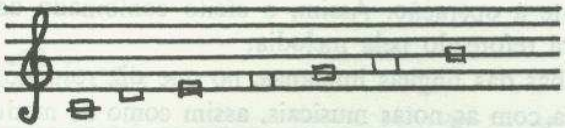


FIG. 4

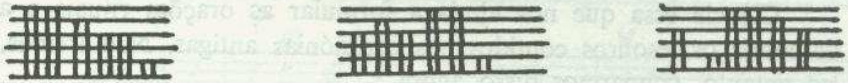


FIG. 5

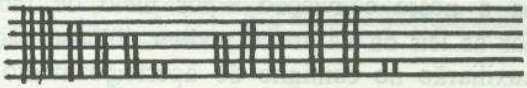


FIG. 6

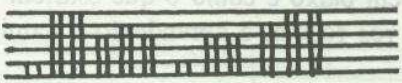
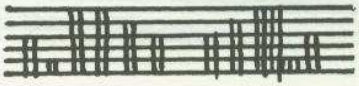


FIG. 7



NOTA: As pautas têm, nestas figuras, 6 linhas, que é de estranhar, pois as pautas musicais são compostas de 5 linhas. (As pautas vêm na versão de M. de N.) (LM).

um sustenido, ou baixá-lo um bemol, sem que lhe modifique a influência mágica.

Obedecendo a todas estas regras, não será difícil dividir a série das notas inscritas num número de medidas conveniente.

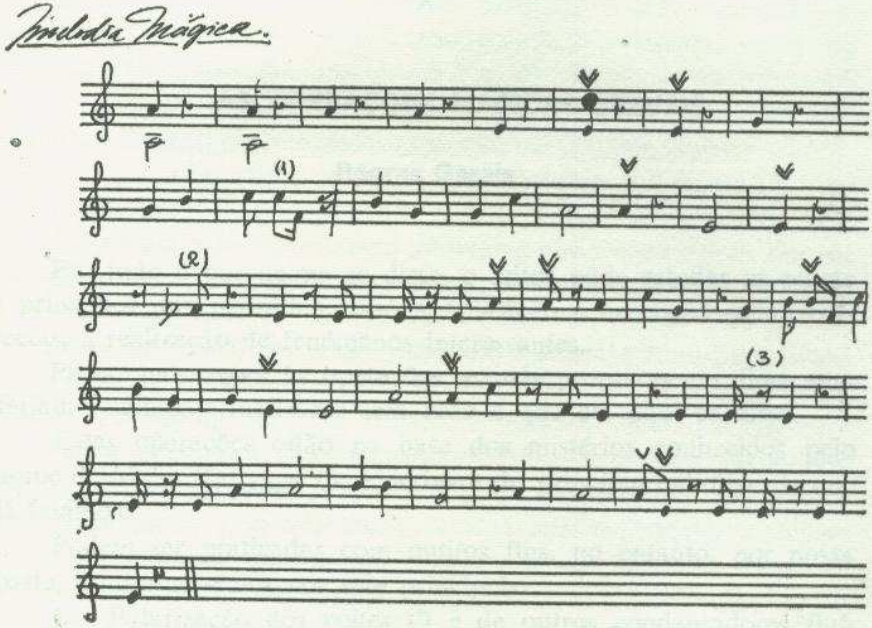
A melodia obtida deverá ser colocada num fonógrafo, que se ligará durante a operação. Assim, o efeito combinado da cor e do perfume será reforçado pela melodia.

As sílabas das línguas humanas, no que diz respeito à sua correspondência com as notas musicais, assim como as modulações dos diferentes idiomas, constituem uma ciência à parte.

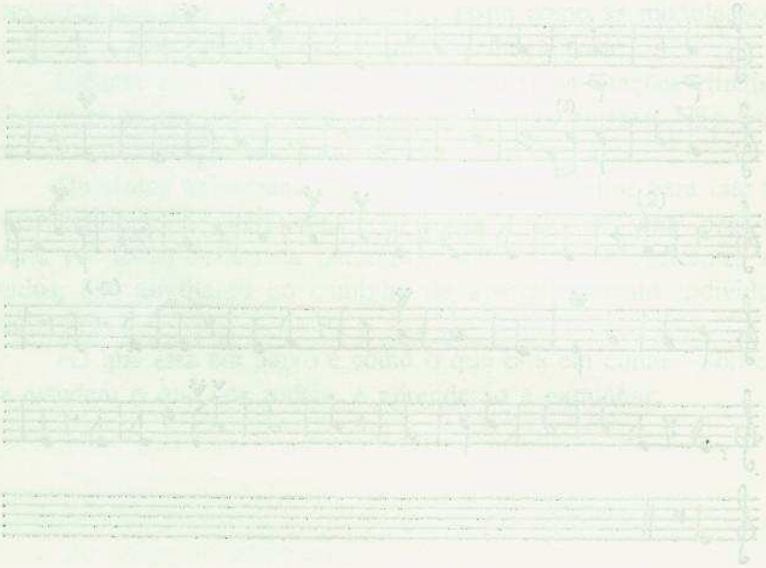
Ciência essa que nos ajuda a formular as orações rituais e a descobrir os tesouros contidos nas cerimónias antigas. Não iremos, no entanto, ocupar-nos disso agora.

Quizémos unicamente chamar a atenção do leitor para este facto, que confirma a nossa convicção — por meio de uma penetração séria em todas as leis da natureza, podem obter-se excelentes resultados, que auxiliarão no caminho do aperfeiçoamento individual e colectivo.

«O que está em baixo é como o que está em cima» — observem e estudem o que vos rodeia, e aprenderão a caminhar.



(1) (2) (3) (V. APÊNDICE)



X

AS OPERAÇÕES MÁGICAS SEXUAIS

Regras Gerais

Em tudo o que acima se disse, o leitor pôde estudar as regras e princípios que permitem, caso a aplicação e execução sejam correctas, a realização de fenómenos interessantes.

Passaremos agora às operações sexuais propriamente ditas, que seriam totalmente ineficazes sem tudo o que até aqui se disse.

Estas operações estão na base dos mistérios conhecidos pelo nome de Maha Kaliyuga [1], e derivam do princípio eulídico, de que já falámos.

Podem ser praticadas com muitos fins, no entanto, por nossa parte, limitar-nos-emos aos sete principais:

1 — Polarização dos *voltes* [2] e de outros condensadores fluídicos.

2 — Regeneração do poder e da energia vital, reforço da potência magnética.

3 — Produção da influência magnética, que produza a submissão do homem à mulher, ou da mulher ao homem.

---

[1] «Mahi Kaligua», na versão de M. de N.

[2] Ver adiante, pág. 103.

4 — Refinamento do poder e do sentidos, em geral.

5 — Determinação voluntária do sexo da criança a conceber, assim como o reforço das suas potencialidades cerebrais ou corporais, em geral.

6 — Provocação de visões sobrehumanas, espirituais e sublimes.

7 — Realização de um projecto ou de um desejo preciso do operador, seja em que ordem de ideias for.

Supondo que o discípulo compreendeu bem e estudou tudo o que expusémos nos capítulos precedentes, damos, agora, as vinte regras principais, a que deverá obedecer para que possa praticar sem perigo os exercícios especiais de magia sexual.

1 — A união sexual deverá ser considerada como um sacramento.

O homem que vive com a sua mulher em acordo perfeito compreenderá bem o significado deste princípio. Assim como todos aqueles que, num determinado momento, possuíram uma mulher com toda a pureza de sentimentos e intenções, se lembram, certamente, de que em nenhuma outra circunstância se sentiram tão fascinados, tão desejosos de alcançar Deus e a perfeição, como nesse momento, em que todas as suas forças tocavam a raíz do sexto oposto.

Quando o acto sexual é perfeito, a união do homem com a mulher dá-se ao nível de todas as esferas dos seus séres, e todas as suas forças aumentam extraordinariamente. O sacramento, esse sacramento, é sempre perfeito, é uma prece, uma oração que se realiza.

Mas, para que isso aconteça é preciso que a prece, o voto, o objecto da oração seja formulado e imaginado nítidamente.

Se tanto o homem como a mulher imaginam o mesmo objecto, ou o mesmo desejo, tanto melhor. Mas se o pedido for feito sómente por um, não deixa de ser eficaz, pois arrasta, no seu espasmo, o poder criador do outro [1].

---

[1] Este parágrafo como os que se lhe seguem são como que uma reformulação dos métodos e princípios tântricos de Mão Esquerda, de que já falámos, e donde Randolph extraíu o seu sistema. Note-se a insistência do autor, apesar das aparências, numa distanciação do sujeito com o objecto, mesmo até com o próprio acto — atitude tântrica por natureza.

2 — Não misturem o metal precioso com a lama: procurem a união com uma mulher superior.

A operação mágica não deve ser levada a cabo com uma prostituta, nem com uma vírgem ignorante, nem com uma mulher de menos de 18 anos, nem com a mulher de outro; pratiquem-na com a vossa esposa ou amante.

Seja como for, é importante que a mulher escolhida tenha já experiência do acto, e possua ainda a energia, a vontade, o afecto e a emoção necessárias. Porque, sem que os dois sejam capazes de atingir o climax, a operação é ineficaz. O momento receptivo da mulher deve coincidir exactamente com o momento emissor do homem, pois sómente com essa condição se poderá efectuar convenientemente a operação.

3 — A união do homem com a mulher deve ser desinteressada. (1)*

A volúpia e o prazer não devem constituir o seu objectivo principal.

Para além do prazer carnal, visem a união das almas, se quiserem ter êxito.

Se seguirem estas regras, o acto sexual será uma fonte de energias espirituais e corporais, um portador de saúde, de felicidade e de paz. Encontrarão assim aquilo que, em Magia, tem o nome de «bem-aventurança».

4 — Os corpos deverão estar limpos.

A higiene é sempre um dever sagrado, sobretudo quando vos preparais para o rito da união sexual.

Não existe, como se poderá constatar, a mais pequena ponta de «vício», de «imoralidade» de dependência, nestas práticas — os argumentos utilizados em tempos por Helena Blavatsky e por todos os seus acólitos carecem, como se pode ver, de qualquer fundamento que não seja a idiotia no seu estado mais puro.

(1) «Inocente», segundo M. de N.

* Pois vontade, amor, desinteressada, de prazer, e dos pratos. (Lucc. 1:44) entre os realizado, e dos pratos. (Lucc. 1:44)

Ser-vos-á dito mais adiante que certas preparações demoram sete e quarenta e um dias. A limpeza será então de rigor.

5 — Conservem o segredo, no que diz respeito às vossas intenções.

O silêncio é um excelente meio de conservação e multiplicação das vossas forças. Por isso mesmo, quando começaram o período preparatório da prática mágica, evitem ao máximo as relações sociais e falem o menos possível.

6 — Formulem préviamente o vosso desejo, e não o esqueçam no momento do coito, durante o qual terão que conservar o silêncio.

7 — Antes, durante e depois do acto de amor, deverão manter bem nítida a imagem clara daquilo que desejam.

Os exercícios de Volância, de Posismo e de Decretismo serão um excelente auxiliar durante o período de preparação.

8 — Alimentem-se convenientemente, e prefiram alimentos naturais; não comam excessivamente. Evitem ingerir muitos líquidos, assim como gorduras, álcool e especiarias.

A cama em que dormis deverá ser dura, as almofadas baixas, e a cabeceira virada para o Norte [1]. O quarto deve ser frio e arejado.

9. — Tomem um banho de ar duas vezes por semana. Respirem, então profundamente, e conservem o ar nos pulmões o tempo que vos for possível. Cada minuto de retenção acrescenta-vos dias de vida [2].

10 — Não vejam a vossa companheira muito frequentemente, durmam em quartos separados e não se unam mais que uma a duas vezes por semana.*

---

[1] Norte magnético, bem entendido.

[2] Mais uma vez, está aqui patente a influência dos métodos tântricos no ensinamento de Randolph. A teoria da retenção *(kumbhaka)* da respiração que aumenta o período de vida é, por assim dizer, a base de algumas seitas tântricas de Mão Esquerda, nomeadamente a dos *Siddhas* do Tamil. A vida, o tempo, são considerados como respiração, inspiração (*puraka*) e expiração (*reçaka*). Segundo essa lógica, cada

*Essa periodicidade varia de acordo com a corrente. Ver por exemplo: CABOU. Ciência gnóstica. São Paulo: Movimento Gnóstico Cristão Universal do Brasil na Nova Ordem, 1992. (p. 37)

O homem e a mulher não se devem tocar quando não haja emoção, nem separar-se enquanto durar qualquer exaltação.

Isto é muito importante.

11 — Não pratiquem o acto quando estiverem encolerizados ou embriagados.

12 — Deitem-se cedo, e confiem-se inteiramente às forças superiores.

13 — Não se esqueçam da lei que diz que o amor é a raíz da vida.

É dele que nascem as paixões, os arrebatamentos, as impulsões boas e más, a chama divina ou humana, os demónios e os deuses.

O vosso amor deve unir-vos a Deus.

14 — O momento em que a semente do homem passa para o corpo da mulher, que a recebe, é o instante mais fecundo, mais poderoso, mais emocionante da sua vida.

Se é a paixão carnal, o instinto, que comanda esse momento, o homem perde-se, desmoraliza-se, mata-se (1).*

À mulher, sobrevêm as doenças, a desorganização, psíquica e corporal (2).

Se nascer uma criança, só poderá ser um assassino, um estropiado mental, um miserável.

---

homem dispõe, assim, de n respirações a efectuar, que correspondem a todo o período da sua vida. Diminuindo a sua frequência, a duração do período de vida aumenta numa relação inversamente proporcional. Se o *siddha* conseguir atingir o ponto de completa cessação do acto respiratório atingiu a imortalidade (escusado será dizer que os neófitos não deverão tentar a experiência).

«Dez» dias, segundo a versão de Maria de Naglowska.

(1) Isto é, perde a sua força vital. Num caso destes, a ejaculação corresponde à perda de uma substância que, do ponto de vista de uma fisiologia subtil esotérica, é portadora de vida. Neste ponto, Randolph separa-se da doutrina tântrica ortodoxa, que não prevê a ejaculação, antes uma retenção, por meio de técnicas adequadas.**

(2) Na medida em que recebe uma substância «carregada negativamente», «ácida».

* Ver Shiva-Samhita 4: 58-62. ** Ver: Svātmārāma, Hatha-yoga Pradīpikā 3: 83-91.

Se, pelo contrário, a união se efectua na harmonia, no amor, se as forças subtis que compõem o ambiente [1] participam positivamente no acto, este produz regeneração, e os seus frutos serão abençoados.

O filho do amor é o filho das forças superiores, e a oração pronunciada por dois seres unidos só pode ser eficaz.

15 — Se o homem deseja ardentemente receber determinada força ou poder e mantém esse desejo desde o momento em que penetra na mulher, ele será realizado necessáriamente.

O problema actual dos casais tem na sua origem, sobretudo, o péssimo hábito que os homens ganharam de se retirarem antes da ejaculação, por não quererem ter filhos [2].

A semente perdida e não transmutada é um factor de degenerescência.

16 — Todas as forças, todos os poderes, emanam da feminidade de Deus, da qual provêm todas as impulsões [3].

A força divina colhe-se no amor total, na simpatia real, na emoção que nós provoca o belo.

O cérebro é um órgão estéril, a sua força esgota-se rapidamente; por isso, nós os Eulidianos, procuramos a realização no amor, na vontade, não no intelecto.*

Se um de nós, possuidor do dom de cura, o põe em prática, a força de que se serve não é a do intelecto, mas a do amor. [4]

---

(1) Em linguagem hermética, o chamado *eggregore*.

(2) Prosseguindo, na versão de M. de N.: «Por esse motivo, o Inferno instala-se na raíz dos dois seres, pois eles prostituem o amor, desconhecendo a Grande Razão, o *porquê* fundamental da vida».

(3) Encontramos aqui, numa linguagem algo transformada, «para ocidentais», a velha doutrina *saktica*, base filosófica do tantrismo.

(4) Os adeptos de Randolph cultivaram algumas das antigas disciplinas praticadas pelos iniciados de outrora. Já vimos isso, no respeitante à música, à perfumaria. Outra das disciplinas cultivadas era o curandeirismo. Não devemos esquecer aqui a influência malgache e

* Randolph, como Crowley mais tarde, propunha diretamente o amor e vontade. Tal relação já era comum, recursos entre os filósofos esotéricos. Ver: LOYOLA, Santo Inácio de. Os exercícios espirituais. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. (p.13)

O seu rosto torna-se doce, as mãos acariciam, o coração fala, e o resultado obtém-se.

O amor a simpatia, a bondade, constituem uma escada ascendente, que nos dá acesso a poderes extraordinários, à sabedoria de Deus.

As Cinco Posições Fundamentais

Nos desenhos que se seguem, o leitor poderá ver as cinco posições fundamentais, que o par deverá assumir no decorrer da operação mágica sexual.

(NOTA DO TRADUTOR: No que diz respeito à figuras, algo há a dizer. O leitor poderá ver, sobre cada uma delas, um pequeno esquema, que representa, por assim dizer, as linhas de força subtil geradas no corpo dos participantes durante a operação. Neles, as circunferências representam os órgos sexuais, ao passo que os quadrados representam as cabeças — vide capítulo da «Polarização do Sexos». Na versão de Maria de Naglowska, estes esquemas estavam completamente «embrulhados» o que, mais uma vez, obrigou a uma correcção. Assim, os esquemas apresentados são de nossa autoria e, naturalmente, da nossa responsabilidade.)

Estas cinco posições, que regularizam a corrente mental, provocam os seguintes efeitos:

1 — A Posição n.º 1 corrige os sentidos e as capacidades dos operadores, nos casos em que eles próprios sejam o objecto da influência que pretendem.

---

africana de Randolph, para quem os dons de cura deviam fazer parte do «arsenal» do verdadeiro mago. Essa é, aliás, uma tradição muito comum nas seitas africanas.

POSIÇÃO 1

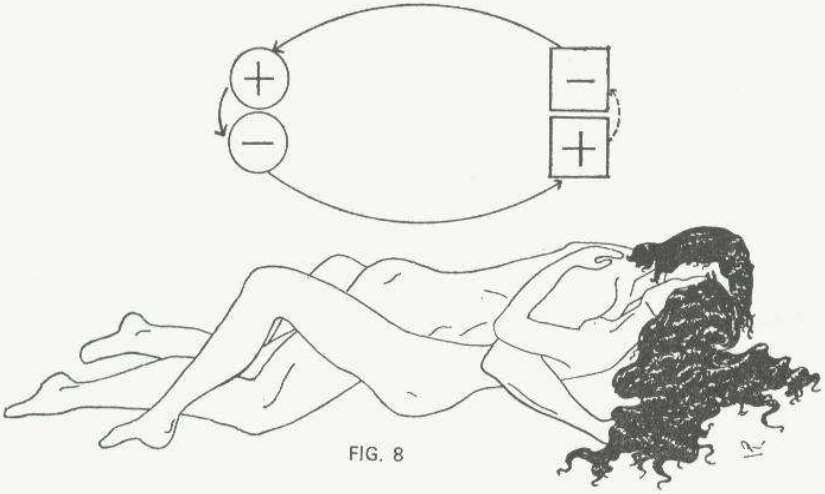


FIG. 8

POSIÇÃO 2

FIG. 9

POSIÇÃO 3

FIG. 10

POSIÇÃO 4

FIG. 11

POSIÇÃO 5

FIG. 12

2 — A 2.ª posição proporciona a projecção da influência para o exterior — sobre uma ou várias pessoas, ou mesmo sobre esferas superiores.

É também útil para carregar um *volte*, despertar elementais [1], ou para qualquer outra operação agressiva contra uma pessoa.

3 — A Posição n.º 3 provoca os mesmos efeitos que a posição n.º 2, mas é útil também para receber ou orientar a força do círculo exterior.

Só pode ser posta em prática se os participantes estiverem de comum acordo.

4 — A Posição n.º 4 serve para pôr de acordo — como se se tratasse de dois instrumentos que fossem tocar a mesma música — os participantes que se entregam à operação do amor mágico.

Compensa as diferenças naturais que possam existir entre eles.

Nela, também os participantes devem operar de comum acordo.

— A Posição n.º 5 permite que o homem influencie a mulher sem que esta se aperceba. Não obstante, se os dois a assumirem de comum acordo, serve para projectar uma vigorosa influência no exterior.

Estas cinco posições são construídas de acordo com a lei da projecção áurica [2]. Os desenhos supõem que o operador activo é o homem; claro que os papéis podem inverter-se, na medida em que a mulher pode também assumir o papel activo na operação mágica. Nesse caso, far-se-á a correcção dos desenhos, de acordo com a lei das analogias naturais.

---

(1) «Larvas», segundo Maria de Naglowska.

(2) «... conformemente à lei normal de eclosão da aura...», segundo Maria de Naglowska.

XI

DESENVOLVIMENTO DOS SENTIDOS E FACULDADES

Coloca-se agora perante nós o problema da exploração prática da força mágica sexual.

Essa exploração, como já tivemos oportunidade de o dizer, só pode ser útil ao discípulo que tenha praticado sériamente as diferentes operações mentais preliminares: o Decretismo, a Volância, o Posismo e o Tirauclairismo, tais como foram expostos nos primeiros capítulos desta obra.

Para conseguirmos servir-nos de uma força, necessário é que saibamos controlá-la. Esta lei aplica-se a todos os nossos ensinamentos.

Dissemos já que, antes de começarmos as operações mágicas, necessitamos de um período de preparação, que se divide em duas fases: o primeiro, de sete dias, o segundo de quarenta e um.

E, para que tudo se passe como deve ser, devereis conformar-vos aos seguintes princípios:

1 — Escolher, para o trabalho experimental, um quarto tranquilo, longe dos ruídos da rua.

Cobrir as janelas com persianas ou cortinas espessas, que protejam da luz do dia, e fazer com que a temperatura do quarto se

mantenha sempre entre os 78 e os 68 graus Fahrenheit.* Durante todo o período de trabalhos e experiências, ninguém deverá ter acesso ao quarto.

2 — Preparar com todos os cuidados o perfume que corresponde à força planetária que se deseja atrair, assim como a cor, que se espalhará pelo quarto por meio de projectores e decorações.

3 — A primeira fase do período preparatório, que compreende sete dias, deve começar no primeiro dia da terceira fase lunar.

4 — Durante esses sete dias, a mulher escolhida para as operações não deverá ter acesso aos aposentos.

5 — A hora da operação deve ser sempre a mesma. É a essa hora que se farão todos os exercícios preparatórios, durante o período de sete dias e durante o de que quarenta e um que se seguirá imediatamente ao primeiro.

6 — Durante o período de sete dias devem ser feitos os exercícios de *posismo* que irão atrair a força desejada..

O gesto que caracteriza essa faculdade deverá ser bem estudado.

Seguidamente, espalhe-se o perfume pela sala, com o cuidado de não o colocar sobre si próprio ou sobre as roupas.

Depois, difundir na sala, por meio de projectores, a cor desejada.

7 — Quando a prática do Posismo já foi suficiente para implantar mentalmente a ideia desejada, começar a combiná-lo com o exercício do Tirauclairisme.

8 — Durante os sete dias que dura a primeira fase da preparação, não se deverá trabalhar mais que meia hora por dia.

9 — No oitavo dia, terá início a segunda fase da preparação, que durará quarenta e um dias.

Nesse dia, perfumar o quarto, mas também as palmas das mãos e o plexo solar. Não esquecer de juntar ao perfume a essência de *kastania*.

Introduz-se a mulher.

10 — Ilumina-se a sala com a cor que interessa, e deita-se a companheira, de costas.

* Ou seja, entre 20 e 25,5 graus celsius. Fórmula de conversão: $\frac{°C}{5} = \frac{°F - 32}{9}$.

11 — No momento oportuno, unam-se, na posição operatória n.º 1. A fronte do homem deve tocar a da mulher.

12 — Por meio do Decretismo, da Volância e do Posismo, acentue o potencial de desejo no momento da ejaculação, e fixe o seu espírito energicamente no resultado que deseja obter, antes, durante, e depois do acto.

13 — Assim que a operação mágica termina, a mulher deverá ir-se embora, sem dizer uma palavra.

14 — A operação deverá ser repetida de três em três dias, durante o período de quarenta e um dias.

15 — Durante os dias de intervalo [1], o homem continuará o seu trabalho, como durante a fase dos sete dias, sempre à mesma hora.

16 — Quando passa o período de quarenta e um dias, e se tudo tiver sido levado a cabo correctamente, a faculdade, o sentido, ou o poder desejado ter-se-á desenvolvido.

Se, em qualquer momento, se quiser acentuar essa força ou faculdade, deve-se respirar o perfume utilizado durante a operação.*

O ritual do amor mágico pode ser executado com objectivos tão diversos como os variados aspectos da vida, mas não se esqueça que a lei das polarizações, assim como a do reflexo, fazem recair sobre o homem o bem e o mal que cause a outrém.

É essa lei que faz com que o crime implique o castigo logo na origem.

Se operar na Posição n.º 5, com a ajuda do perfume individual, e com o fim de sugerir à sua companheira o amor e o gozo da volúpia, poderá mantê-la sob influência o tempo que desejar.

O poder cuja chave lhe damos pode também ser utilizado com o fim de melhorar ou modificar a circulação do sangue. A utilização desse poder dar-lhe-á dons de cura, tanto ao nível psíquico como físico.

---

[1] Que são dois.

XII

O SEXO DA CRIANÇA

No capítulo em que tratámos da polarização dos sexos, formulámos a lei que permite descobrir o mistério fundamental de tudo aquilo que nasce e se desenvolve no Universo.

Todos os ritos das sociedades secretas e fraternidades, assim como alguns «mistérios» das religiões oficiais, se baseiam nessa lei e nas que dela derivam, que nos explicam como se forma e orienta a corrente mental produzida pelo êxtase do coito.

Normalmente, o acto sexual tem um objectivo: a criação de um indivíduo novo, por meio da conjugação de forças sexuais opostas.

Esse objectivo da natureza, a renovação, completa-se por uma outra lei. Essa lei completa, por sua vez, a da polarização dos sexos, e pode formular-se do seguinte modo: «no momento do coito, a mulher cria mentalmente a imagem de um homem, e o homem a de uma mulher. «A criança será macho ou fêmea segundo o potencial mental mais forte: o da mãe ou o do pai».

Segundo esta lei, é fácil predizer o sexo do recém nascido, de o estabelecer mesmo com exactidão. Basta saber qual dos dois tem maior potencial mental. [1]

---

[1] «...de imaginação...», segundo M. de N.

Assim, por meio da fadiga física (que iria provocar um enfraquecimento no mental) do homem ou da mulher, estabelecer-se-ia desde logo se a criança a nascer seria do sexo masculino ou feminino.

Claro que as coisas não são assim tão simples, na medida em que o potencial mental [1] de uma pessoa é variável, e torna-se difícil prever antecipadamente qual vai ser a sua intensidade.

Assim, aconselhamos aos casais que recorram à operação mágica sexual seguindo estas regras:

1 — Para que seja um rapaz:

Espalhar pela sala o perfume de Marte, ao qual se adicionará essência de *kastania*, numa proporção de 1/1,3.

Operar com luz vermelha.

Para uma rapariga: perfume de Vénus, mais essência de *kenopodium*, na proporção de 1/1.

Operar com luz verde.

2 — Todo o rito que descrevemos acima — que poderá ser posto em prática pelo homem ou pela mulher, ou por ambos, se estiverem de acordo — irá juntar eficácia à fórmula. Se for iniciativa de um dos participantes, operar na Posição n.º 1. Se de comum acordo, n.º 4.

3 — Durante o período de preparação mental — sete dias — pode, com toda a utilidade, utilizar-se um quadro, representando um homem ou uma mulher, conforme se quiser um rapaz ou uma rapariga.

Uma preparação de sete dias é quanto basta. Começar-se-á a operação ao oitavo dia.

Se as regras forem seguidas, o resultado será obtido, com a condição de que o pai e a mãe sejam seres normais.

---

[1] «... de imaginação...», segundo M. de N.

XIII

OS CONDENSADORES FLUIDICOS

Estas notas foram recolhidas para os discípulos da nossa fraternidade. Deverão, assim, constituir a directiva para uma verdadeira iniciação.

Por nossa parte, achamos inútil embrenhar-nos em especulações teóricas, como as que enchem tantas obras de ocultistas modernos e antigos.

Todas as teorias, teses, filosofias, trazem uma luz insuficiente, nunca oferecem as provas científicas incontestáveis, sem as quais a verdade não poderá jamais triunfar.

O nosso método consiste em apresentar ao aluno factos experimentais incontestáveis.

O discípulo inteligente deduzirá por si próprio teorias conformes às nossas, depois de observar aquilo que lhe mostraremos. E, se perseverar, se não abandonar a viagem que encetou, graças às suas dificuldades e obstáculos, alcançará, por si próprio, a verdadeira Sabedoria. Tornar-se-á um Adepto.

A fim de lhe facilitar esse percurso, resumiremos aqui os resultados do nosso trabalho pessoal.

Dedicámos longos anos à verificação experimental de tudo o que

foi colocado na nossa presença, conselhos e práticas, antigas e recentes. Procedemos a uma filtragem meticulosa, a fim de separar o verdadeiro do falso, o positivo do ilusório, e é por isso que afirmamos que tudo o que aconselhamos e ensinamos é conforme à pura verdade científica.

E revelamos as chaves necessárias para que cada um dos vós faça a sua própria experiência. Todas as ideias que propomos são susceptíveis de verificação, e basta um pouco de coragem e vontade para se dar o primeiro passo A felicidade que coroa todo o esforço consciente será o fiel amigo nos momentos difíceis.

*

A Magia é uma ciência.*

A única que se ocupa verdadeiramente, teórica e praticamente, das forças superiores da Natureza, ocultas para nós.

Declara e demonstra que o Universo, no todo e na parte, está submetido a influências fluídicas determinadas, que a ciência poderá reconhecer um dia, com base em qualquer fenómeno psíquico ou físico.

Para operar com essas forças de acordo com as leis que as regem, necessário é, de início, concentrá-las num ponto ou numa superfície determinada. Poder-se-á, em seguida, orientá-las e canalizá-las à vontade.**

Estas operações, muito importantes, e que oferecem variadas possibilidades de realização, podem ser levadas a cabo de quatro modos diferentes:

1 — O operador serve-se da sua própria energia.

2 — Serve-se do auxílio de forças exteriores, por meio da indução e das correspondências.

3 — Liga essas forças exteriores a um indivíduo de sua escolha.

4 — Liga-as a um objecto ou a um material também de sua escolha.

* Texto guiado a Fulcanelli e uma arte.

** Ver: GARDNER, Gerald. A Bruxaria Hoje. São Paulo: Madras, 2003. (p. 100)

Este último processo é conhecido, há já muito tempo, por Magia Talismânica [1]. E serve também para aquilo a que se chama «*carregamento dos voltes*», de que já falámos.

Ora, ao verificarmos a técnica das antigas preparações, chegamos à conclusão que a falta de conhecimentos laboratoriais levava, por vezes, ao uso de matérias impuras. Assim, muitas vezes, os materiais utilizados para o fabrico de um condensador só em parte eram os adequados, o que determinava uma diminuição na eficácia dos talismãs e voltes.

A fim de evitar esse erro, para obter resultados perfeitos, estudámos e preparámos três tipos de condensadores fluidicos perfeitos — dois líquidos e um sólido —, que a experiência demonstrou serem verdadeiramente eficazes.

O primeiro é empregado sob a forma de camadas, que se colocam sobre os objectos a que queremos dar virtudes talismânicas.

O segundo, conservado em frascos especiais, serve para fabricar drogas líquidas muito eficazes.

O terceiro, a que chamamos propriamente «condensador fluidico», sólido, é utilizado por nós para o fabrico de *voltes*.

Apresentamos seguidamente o quadro da preparação das drogas:

1 — CAMADAS-LÍQUIDO

Vinho branco	120	gramas
Suco de folhas de lis	4	»
» » mandrágora	18	»
» » camomila	19	»
» » álamo [2]	48	»
Carvão de álamo	15	»
Extracto de flores de lis	2	»

(1) Segundo M. de N.: «Este processo é conhecido, desde há milhares de anos, na magia talismânica».

(2) Ou choupo.

Idem de mandrágora	3	»
Idem de camomila	1	»
Idem de álamo	4	»
Lactose	50	»
Lactucarium	25	»
(Ouro líquido	6	») [1]
Gelatina	80	»
Óleo de kopal	25	»

2 — FRASCOS — LÍQUIDO

Suco de folhas de lis	2	gramas
Idem de mandrágora	8	»
Idem de camomila	9	»
Idem de álamo	20	»
Extracto de flor de lis	3	gramas
Idem de mandrágora	13	»
Idem de camomila	5	»
Idem de álamo	32	»
Sacarose	60	»
Lactucarium	36	»

3 — SÓLIDO

Carvão de mandrágora	80	gramas
Ferro	20	» [2]
Bronze	15	» [2]
Sacarose	40	»

---

[1] Esta parcela, segundo M. de N.. Pessoalmente, não nos recordamos de ter encontrado este elemento noutras versões. Os aficionados da Alquimia compreenderão por que é que a presença deste elemento, aqui, nos chamou tanto a atenção. Ouro em pó, talvez.

[2] Em pó.

Ouro	18	» (1)
Lactucarium	80	»
Carvão de álamo	16	»
Cera	16	»

Eis agora como preparar estas drogas:

— Os extractos das plantas preparam-se por maceração em álcool puro, durante 14 dias (2).

— O vaso em que se faz essa operação não deverá estar ao sol ou à luz.

— A temperatura ambiente da sala em que se guarda o frasco deve ser, invariavelmente, de 90 graus Fahrenheit.

— Proporção: para cada 100 grs. de ervas, 120 de álcool. (3)

— Para preparar o carvão das plantas, envolvem se no interior de um vaso de argila cozida, colocando-se em seguida o conjunto num fogo de madeira ou carvão.

— A cera (de abelha) deve ser fervida três vezes, em água limpa. (4)

— O lactucarium (5) deve ser lavado em água fria corrente, assim como o óleo de kopal.

— Antes de se proceder à mistura, será conveniente guardar, hermeticamente fehado, um pouco de cada um dos produtos. (6)

---

(1) Em pó.

(2) Duas fases lunares completas.

(3) Na versão de Maria de Naglowska, vem ainda: «Os extractos obtidos por compressão preparam-se por compilação». Sem comentários.

(4) Banho-maria.

(5) «Goma arábica».

(6) Segundo Maria de Nagloswska: «Antes de se proceder à mistura das composições caracteristicas, ter-se-á o cuidado de fechar herméticamente, num vaso ou um frasco, um volume suficiente de condensador fluídico. Esse vaso, ou frasco, deverá permanecer dez dias sob água fria corrente».

— Quando se secarem as plantas que irão servir para as preparações, cuidar para que não se exponham à luz solar. A temperatura deverá manter-se sempre: 90 graus Fahrenheit.

— A fim de isolar os condensadores da luz do dia, envolver-se-ão os recipientes que os contêm em várias camadas de seda natural, lavada cuidadosamente.

— A mistura de diversos condensadores deverá ser feita sob luz artificial.

XIV

OS VOLTES

Toda a Magia experimental se baseia na lei das correspondências, das simpatias, da polarização.

Enquanto que a lei da polarização determina a força de atracção entre dois polos contrários, as leis de correspondência e simpatia exigem que todas as forças universais, sejam de que plano forem, físicas ou metafísicas, têm na terra os seus correspondentes,* materialmente falando mas também a nível das cores, dos sons, dos ritmos e dos perfumes. E é pelo estudo detalhado dessas correspondências que podemos trabalhar com êxito, por meio dos condensadores fluídicos a que chamamos *voltes* (1).

Estes condensadores são figuras, preparadas segundo um método especial, carregadas, segundo a forma que vamos explicar, com a força psíquica de um indivíduo. A sua função é a de influenciar, a bem ou mal, por meio da ajuda das leis de que falámos: curar doenças, corrigir a nossa ou a natureza de outrem, enfim, lançar um feitiço benéfico ou maléfico.**

Eis as operações necessárias para a confecção de um volte:

(1) *Voult*, no original inglês.

* Ver: ANÔNIMO. O caibalion. 23. ed. São Paulo: Pensamento, 2008. (pp 67-78; 85-90)

** Diferente do que geralmente se pensa, o uso destas ferramentas mágicas é muito anterior ao surgimento do Vodu na América. Ver: OGDEN, Daniel; LUCK, Georg [et al...]. Bruxaria e magia na europa - grécia antiga e roma. São Paulo: Madras, 2004. (pp. 17-18; 83-91)

— Em primeiro lugar, definir e fabricar o perfume e a cor individual do «paciente».

— Introduzir, em seguida, no condensador sólido:*

1. O condensador líquido n.º 2, na proporção de 20/1.
2. O perfume individual — 10/1.

— Seguidamente, molda-se a estatueta que reproduz, com a máxima exactidão, a silhueta ou a parte do corpo da pessoa que se pretende influenciar, com a matéria preparada anteriormente.

— Mistura-se depois, no condensador n.º 1, um pigmento em pó; de modo a obter-se a cor individual desejada.

— Pinta-se a estatueta com a cor assim obtida, em duas ou três camadas.

— Quando a pintura estiver seca, lava-se a estatueta em água corrente.

— Prepara-se depois o vaso, em que se irá introduzir a estatueta, do seguinte modo:

Deverá ser de vidro espesso e puro. Dentro e fora, será coberto com um pano de seda natural muito limpo. A superfície exterior do vaso deverá receber, antes da seda, uma camada de ouro e mercúrio amalgamados, assim como a tampa.

Depois de se introduzir a estatueta, o vaso deverá ser fechado herméticamente, e colocado dentro de um estojo de couro bem resistente.

— Para carregar o volte com a energia do paciente a que se destina, basta que este o guarde no seu quarto ou mesmo consigo durante dez dias [1]. Depois, ele próprio deverá guardá-lo no recipiente e no estojo. Ninguém deverá assistir à operação, nem tocar no figurino. Isto, porque quem quer que tocasse no volte, iria carregá-lo com uma força contrária que poderia ser perigosa.

---

[1] O método é semelhante ao utilizado por algumas seitas africanas, com máscaras e figurinos, e pelos ciganos.

* Todo tipo de matéria prima já foi utilizada na confecção de Voltes, desde palha e lã até animais mortos. Na criação do volte é comum também unir a algo de uso pessoal do paciente (vítima, ou incluir na manifestação algo extraído do corpo do alvo: cabelos, unhas, saliva, sangue, dentes, etc.

Esta regra não deverá ser desprezada, se o operador não quiser tornar vão todo o seu esforço, inutilizando o volte.

— A correspondência entre o paciente e o volte obtém-se por meio da operação mágica sexual, efectuada nos moldes em que a descrevemos, com as seguintes particularidades:

1. Depois da preparação de sete dias, operar-se-á ao oitavo, *não mais*. Essa operação tem de ser organizada de forma a que, no dia da operação, a força que preside ao horóscopo do paciente esteja em exaltação, ou pelo menos, em ascendência.

2. A sala em que se leva a cabo a operação deve ser iluminada com a cor individual do paciente.

3. Durante os sete primeiros dias de preparação, exercereis, pelo Posismo, as qualidades do paciente, e não deveis esquecê-las na operação, que terá lugar no oitavo dia.

Imitareis os gestos que o caracterizam, as suas inclinações, a sua personalidade em geral.

Trata-se de fazer com que, ao fim destes sete dias, o paciente esteja vivo em vós.

4. Criareis o elo entre o volte e o paciente por meio da Volância e do Decretismo, que praticareis todos os dias à mesma hora, durante os sete dias.

5. A estatueta deverá encontrar-se no quarto em que operais, de forma a que a vejais no momento do acto. Uma vez instalada, nada nem ninguém deverá tocar-lhe até se consumar a operação.

6. Assim que a operação estiver terminada, colocareis o volte no vaso isolador, de forma a que ninguém lhe toque [1].

Atenção: se o volte se destuir, seja de que forma for, a pessoa que a ele estiver ligada morrerá imediatamente. Tendes nas vossas mãos a vida de uma pessoa, e tereis de vos mostrar digno da responsabilidade que assumis.

Deram-se casos na Idade Média em que este método foi utilizado para pôr fim a alguns personagens. Mais recentemente, tem sido utili-

---

[1] Salvo, evidentemente, o operador.

zado para cometer assassinatos impunemente. Encontram-se, por vezes, feridas sobre o corpo do morto, e ninguém se lembra de procurar o mago desumano que, com a ajuda de uma agulha ou de uma lâmina mutila a estatueta, cuja vida está ligada à do morto.

Se se pudesse esconder este segredo de toda a gente, nós não o revelaríamos. Fazêmo-lo para que todos fiquem a conhecer a forma de se defenderam eficazmente. (1)

— A fim de neutralizar o volte, e anular o seu elo com o paciente, mergulhe-se em água aquecida a 122 graus F.*

Essa imersão deverá durar três dias. A temperatura ambiente deverá ser de 60 graus F.

— Como medida de precaução, se os três dias não forem suficientes para anular os efeitos do volte, repetir-se-á o banho as vezes que forem necessárias.

*Em algumas correntes se sabe que o 3º dia de imersão, realizado pelo Ocultista, retira sobre o objeto carregado, neutraliza seu efeito.

(1) Continuando, na versão de M. de N.: «A verdadeira democracia é a que não esconde nada a ninguém». De facto, Randolph era democrata, mas como, originalmente, o livro não era um manual de divulgação, e como um dos seus objectivos, bem expressos no princípio desta obra, é o de «não deitar pérolas a porcos», mais uma vez se fica a dever a Maria de Nagloswka um «apport» humorístico que não é de desprezar.

XV

AS CARGAS MÁGICAS

Conhecem, certamente, o fenómeno das «casas assombradas». Sabe-se que a vida que se desenrola num meio familiar grava «imagens» na esfera astral [1] [2]. Imagens essas que permanecem ligadas ao lugar e ambiente em que nasceram e viveram, e que nele se reproduzem, se a força criadora das pessoas desaparecidas tiver sido suficientemente poderosa.

Essas imagens aparecem por vezes, independentemente da vontade daqueles que as percebem, e que lhes chamam fantasmas. Mas podem invocar-se voluntariamente, se estiverem ligados afectivamente a quem o faça [3].

Em todas as épocas, os iniciados se ocuparam desse problema,

---

(1) «... grava imagens fluídicas...», segundo M. de N.

(2) Será interessante comparar com a teoria astral do Abade Constant (Eliphas Levi). Não esquecer que foi este último quem concedeu a Randolph o grau de Grão-Mestre da F. R. C.. Não é de estranhar que as suas ideias o tenham influenciado.

(3) Ligação essa que, convém não esquecer, pode ser positiva ou negativa.

descobrindo métodos de criar elos com ambientes ou forças especiais, por meios materiais.

Assim, alguns anéis rituais medievais conservam ainda a carga fluídica com que foram dotados em tempos. E aquele que os colocar, verá, num sonho, episódios autênticos passados nessa época.

Esses sonhos são de uma nitidez espantosa, e conservam-se na memória mesmo depois do despertar.

É fácil realizar uma carga mágica, se se conhecer o processo. Simplesmente, o modo de actuar varia de acordo com ela.

Existem três categorias de cargas mágicas, a saber:

a) PLANETÁRIAS

Servem para atrair ou obter por indução a força planetária desejada.

A sua preparação depende de factores de tempo, isto é, só se pode realizar em períodos determinados do ano.*

b) REPRODUTORAS

Servem para recriar uma imagem ou um acontecimento preciso. Dependem, assim, das condições geográficas do lugar onde se deu o acontecimento.

c) REPRODUTORAS INDIVIDUAIS

Diferem das precedentes na medida em que se destinam a uma pessoa em particular, e servem-lhe para a fazer lembrar ou conhecer certos factos ou pessoas.

Dependem, assim, do tema horocópico da pessoa interessada.

Podem ser preparadas cargas deste tipo com o fim de conferir a uma pessoa o poder de influenciar terceiros, homens ou mulheres

* Ver: BARRETT, Francis. Magia. São Paulo: Mercurio, 1994. (p. 162)

Os objectos escolhidos podem assumir qualquer forma, e usam-se como uma jóia ou talismã vulgares.

Tomamos aqui como exemplo o anel, visto que é o mais comum.

Os anéis que se destinam a receber uma carga mágica são compostos de três partes principais: o reservatório, aquilo que se introduz no reservatório, e a pedra ou pedras correspondentes ao horóscopo individual.

Quando a pedra, indicada pelo horóscopo, é transparente, faz-se o anel de acordo com o modelo n.º 1 (fig. 13), que tem, além da pedra, incrustada no reservatório, dois cristais de spat-fluor que fecham herméticamente o reservatório, tocando no líquido.

Se a pedra é opaca, far-se-á segundo o modelo 2 (fig. 14), visto que os raios de luz não irão afectar o líquido. De qualquer modo, deve-se ter o cuidado de incrustar a pedra de forma a que, tocando no líquido, não deixe qualquer espaço por onde entre o ar, de modo a que aquele não evapore.

Se o anel necessitar de várias pedras preciosas, proceder-se-á a uma combinação do modelo 1 com o modelo 2, fixando-se as pedras não transparentes onde, no modelo 1, se colocavam os cristais de spat-fluor.

As cargas planetárias e reprodutoras, não sendo individuais, podem ser utilizadas por qualquer um, com o mesmo sucesso. Porém, o mesmo não se passa com as cargas individuais, que só agem se estiverem no dedo da pessoa para quem foram fabricadas.

O quadro B servirá para a preparação de cargas dos dois primeiros tipos.

Do lado direito deste quadro, encontrar-se-ão as indicações que dizem respeito às cargas reprodutoras. À esquerda, às cargas planetárias.

A qualidade de acção da carga está ligada à força mental desenvolvida durante a preparação da jóia.

ANEL MÁGICO

MODELO I

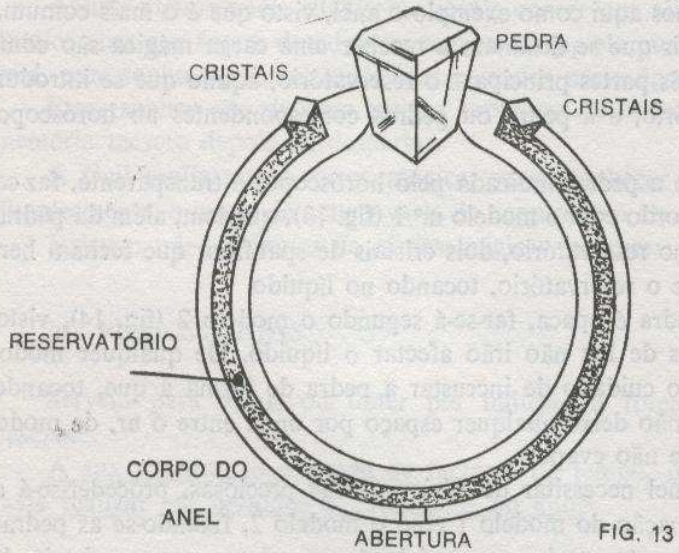


FIG. 13

MODELO II

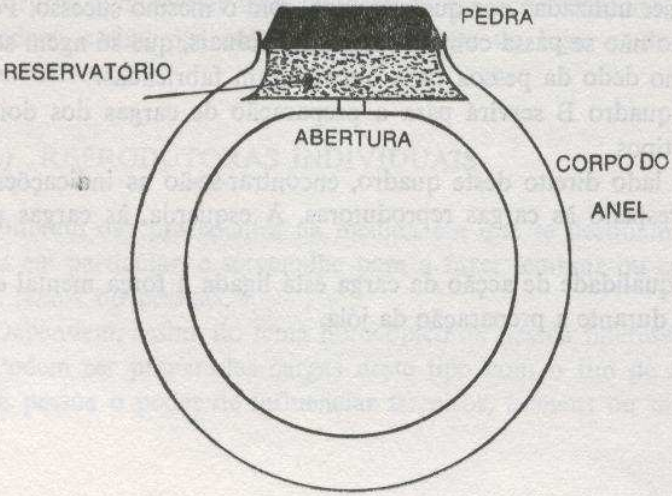


FIG. 14

XVI

CONDIÇÕES DE PREPARAÇÃO DAS CARGAS PLANETÁRIAS

1. As cargas planetárias de que falámos no capítulo anterior têm por objectivo reforçar ou intensificar uma determinada faculdade da pessoa para quem o condensador fluidico é preparado. Por isso, este último nunca será carregado com duas forças planetárias diferentes.

Se quisermos combinar numa mesma pessoa as forças apresentadas no quadro B, de ambos os lados da linha de demarcação, teremos que preparar dois anéis, que carregaremos, separadamente, cada um com uma das cargas.

Assim, se quisermos dar a uma pessoa energia, coragem, e, ao mesmo tempo, calma e sangue-frio, teremos de fabricar o anel ☉ e o anel ♂ que essa pessoa usará.

2. O anel será preparado segundo o método que descrevemos no capítulo anterior, Quanto ao metal escolhido para o corpo [1], deverá corresponder ao planeta desejado.

Para Mercúrio, preparar-se-á um composto formado pelos seis metais planetários, em partes iguais.*

---

[1] «... para o fabrico do reservatório...», segundo M. de N..

Todas as indicações necessárias são dadas no quadro A.

3. A pedra será incrustada de acordo com as instruções dadas no modelo n.° 1, se for transparente, n.° 2, se for opaca. Será também escolhida com base nas indicações do quadro A.

4. Será feita, na parede do reservatório, uma pequena abertura, por onde se introduzirá o condensador líquido.

5. O anel, assim preparado, deverá ser colocado durante 24 horas em água fria corrente.* Será, em seguida, conservado no vaso isolador.

6. O condensador fluidico líquido, que se introduzirá no reservatório, deverá ser composto de 1/3 do perfume do planeta correspondente.

7. Carregar-se-á o condensador com a força planetária desejada do mesmo modo que se procedeu para os voltes, depois de o termos colocado num frasco hermeticamente fechado [1].

A evocação da força planetária far-se-á por meio do Posismo.

8. Durante a primeira operação mágica sexual que se seguirá ao período de preparação, carregar-se-á o líquido com a força planetária desejada. Seguidamente, introduz-se o líquido no reservatório. O orifício será, em seguida, soldado. Se o metal utilizado para a construção do anel puder ser amalgamado com mercúrio, pode fazer-se a soldagem por esse meio.

9. Durante a segunda operação sexual, carregar-se-á a jóia, assim como nas seguintes.

10. Enquanto todas estas operações são levadas a cabo, ter-se-á o cuidado de verificar a situação astrológica. De facto, a carga só será eficazmente realizada se o planeta cuja força se evoca estiver em exaltação ou ascendência.

11 — Quando a carga é suficiente, coloca-se a jóia no vaso isolador, retirando-a só quando for necessário servimo-nos dela.

---

[1] «... e observando escrupulosamente as condições características de cor e perfume...», segundo a versão de Maria de Naglowska.

*Isso irá produzir um efeito "tempo". Ver: NOWICKI, Dolores Ashcroft. Manual prático de magia ritual. São Paulo: Siciliano, 1989. (p. 74)

12. Todas as operações relativas a preparação de um condensador fluidico, mesmo a da mistura dos metais (§ 2 deste capítulo), deverão ser efectuadas sob luz artificial, da tonalidade correspondente à cor do planeta evocado.

Nos períodos que decorrem entre as diferentes operações, os elementos que compõem a jóia ou talismã mágico devem ser guardados à sombra. Nunca esquecer que a luz do dia, mesmo até o luar, anulam parcialmente ou totalmente o poder das cargas planetárias, carregando-as com as suas próprias forças.

XVII

CONDIÇÕES DE PREPARAÇÃO DAS CARGAS PROJECTORAS

Cargas projectoras são aquelas que têm a função de produzir, no estado de sonho ou de vigília, sob a forma de visões individuais ou colectivas, acontecimentos gravados na esfera astral [1].*

São preparadas pelo mesmo método das cargas planetárias, com a diferença que, neste caso, as influências planetárias podem ser sintetizadas num mesmo objecto, seja ele um anel ou qualquer outro.

Assim, não se combinam sómente os perfumes dos diferentes planetas, mas também os metais e minerais que lhes correspondem, e que irão servir para a fabricação do anel.

A fim de se combinarem duas forças diferentes, preparar-se-á a síntese de perfumes, respeitando as proporções indicadas.

Ela será, depois, misturada com o condensador fluidico, em partes iguais, isto é, 1/1.

A dificuldade consiste, aqui, nos exercícios de Posismo e Tirauclairismo [2], que devem ser executados perfeitamente, a fim de se

---

[1] Mais uma vez, a doutrina da esfera astral, tão cara a Eliphas Levi.

[2] É, de facto, a primeira vez que esta faculdade entre em acção.

*Sabe muito raro, muito possível de colocar em prática, não em todos os casos, através de algum artifício que torne um pouco a visão física: fumaças, vapores, sombras, etc.

obter um bom resultado. Assim, recomendamos aos alunos pouco experientes que tenham o cuidado de se abster destas práticas, para as quais mesmo Posistas e «Tirauclairistas» muito poderosos se têm de submeter a uma longa preparação.

Será útil, de qualquer modo, progredir lentamente, projectando primeiro cenas familiares. [1]

Mais tarde, tentar-se-ão captar cenas simples, e só depois se tentarão as experiências mais difíceis.

Durante os exercícios preparatórios e as operações, será útil ter, na sala em que estes se levam a cabo, um quadro evocando a cena que se pretende ligar ao condensador.

Esse quadro deverá ter uma legenda, que o operador preparará e decorará, de forma a que ela fique bem gravada na sua mente, e o esteja no momento da operação mágica sexual.

Toda a operação activa do carregamento não deve, aliás, ter início, antes de que a cena esteja convenientemente fixa na mente do operador, a ponto de este a conseguir evocar até ao mais pequeno pormenor sem qualquer dificuldade.

Esse poder de evocação denota, aliás, a capacidade de apreensão do operador.

Necessário é também conhecer perfeitamente a situação dos dois planetas de que se pretende extrair o poder. Não trabalhem se virem que essas duas forças não denotam uma influência positiva.

O laboratório deve ser iluminado com luz artificial, da cor obtida pela combinação da cor individual de cada planeta.

Momentos antes da primeira operação sexual, deverá acrescentar ao condensador fluidico líquido uma gota do sangue menstrual da sua companheira, que terá previamente conservado em gelo.*

Os condensadores que apresentamos neste capítulo têm uma potência extraordinária. Colocado no dedo de um medium, ou de uma pessoa fraca de nervos, o anel mágico provocará uma visão

---

[1] «... projectando um *décor*: uma paisagem, um interior, uma praça pública, etc.», segundo a versão de Nagloswska.

* Ver: PARACELSO. A chave da alquimia. São Paulo: Pensamento, 1973. (pp. 57-58; 335-337)

da cena com que está carregado, no estado de vigília. Se se tratar de indivíduos fortes, a cena reproduzir-se-á em sonhos, com tal nitidez que pensarão tê-la vivido de verdade.

A Arte oculta e Mágica que ensinamos foi cultivada na loja Eulis Brotherhood [1]. Em 1871, um dos nossos irmãos preparou, em Londres, um condensador em forma de anel, que colocou no dedo de um condenado à morte no dia da sua execução.

Meses mais tarde, o anel foi enviado para Boston, onde uma pessoa que não sabia nada dessa execução, colocando o dito anel no dedo, pôde contar, perante um numeroso público, toda a cena, com uma exactidão extraordinária.

Noutra ocasião, o efeito produzido por um anel, carregado magicamente com um cena emocionante, foi tão forte, que foi necessário recorrer a uma sugestão contrária para desembaraçar o medium da obsessão da imagem.

---

(1) «Na loja E. B.», segundo Maria de Naglowska.

XVIII

OS CONDENSADORES FLUÍDOS INDIVIDUAIS

Para se preparar um condensador fluídico individual estabelecem-se, de início, os valores respectivos das forças e fraquezas planetárias, de acordo com o horóscopo natal da pessoa a que se destina.

Constatar-se-á, normalmente, a predominância evidente de um dos planetas sobre os outros, pelo seu índice numérico mais forte.

Em contrapartida, outras forças são de valor fraco, ou mesmo negativo.

O trabalho do operador é o de colmatar* essas lacunas por meio do condensador fluidico, o qual irá atrair sobre o paciente as forças planetárias que lhe faltam, acentuando assim as suas faculdades insuficientemente desenvolvidas.

*Preencher.

Um horóscopo individual, idealmente equilibrado, dará o mesmo índice para todas as forças planetárias, no tema natal.

Expresso em cores, esse horóscopo apresentará um disco dividido em sete parte iguais, em que estarão reunidas todas as cores planetárias.

Ora, um indivíduo assim influenciado não apresentaria qualquer preponderâncias, quaisquer capacidades mais desenvolvidas,

e toda a sua vida se esgotaria na mais profunda das monotonias, sem qualquer originalidade ou interesse.

Seria um monstro de equilíbrio, sem a capacidade de se concentrar sobre qualquer problema que não fosse indispensável para a sua existência física. Não conseguiria nunca desenvolver uma corrente mental capaz de o conduzir aos graus da iniciação. Seria um medíocre, um homem de emoções breves, sem aspirações, paixões, ou características especiais. Não despertaria em ninguém o amor, nem sequer o temor.

Deus nos livre de obter para uma pessoa que se confie a nós um equilíbrio deste tipo. Deixemos reinar sobre cada um a força que o domina. A nossa intervenção deverá limitar-se ao acentuar de uma faculdade demasiado fraca e cujo despertar possa ser de alguma utilidade, sem afectar a natureza do indivíduo. [1]

O operador, por mais hábil que seja, nunca modificará essencialmente o carácter específico do seu paciente, visto que só lhe poderá implantar, por meio do condensador fluídico, uma força que nunca será equivalente à influência planetária directa do tema natal.

A nossa capacidade é a de corrigir, acrescentar, melhorar, uma memória fraca, a pouca sorte, a fraqueza.

Muitas vezes, no entanto, para se conseguir obter o resultado desejado, ter-se-á de recorrer ao exercício simultâneo da vontade, da sugestão, mesmo do Posismo, para que a acção da jóia seja eficaz.

Dado que a preparação das jóias e das cargas já foi explicada acima, limitar-nos-emos aqui a indicar unicamente as particularidades directamente relacionadas com as cargas individuais.

Assim:

1. Para a confecção do anel, escolher-se-á o metal correspondente à força planetária que domina o horóscopo natal.

As pedras e o conteúdo do reservatório deverão ser escolhidos

---

[1] «Os horoscópos dos génios são, por vezes, os mais castastróficos», segundo a versão de M. de Naglowska.

em função das relações entre os índices numéricos dos diferentes planetas secundários do mesmo horóscopo.

2. Juntar-se-á à composição o condensador fluídico na proporção de 10/1.

3. O condensador será carregado quando o planeta de que se pretende captar estiver numa boa posição astrológica.

Claro que as cargas planetárias individuais só podem servir para a pessoa para a qual foram preparadas. O possuidor poderá, no entanto, utilizar a sua jóia para influenciar uma pessoa de outro sexo.

NOTA FINAL

A versão de Maria de Naglowska continua com uma secção, «Os Espelhos Mágicos», que, a partir da publicação da sua edição, tem sido tomada como parte integrante de «Maria Sexualis». Tal não corresponde, no entanto, à realidade, dado que «Os Espelhos *Magnéticos*» é o título de uma outra obra de Randolph. Pelo menos, na opinião do presente tradutor, que mais não é que o reflexo da opinião de alguns seguidores de Randolph. Os «sucessores» de Randolph estão, de facto, divididos, e o presente tradutor não pode deixar de tomar partido com uma das «facções», dado que as outra são, por assim dizer, simbolizadas pela linha de Maria de Naglowska, cujo valor como esoterista deixa muito a desejar, como o leitor de certeza se apercebeu.

Para os seguidores de Naglowska, os «Espelhos Mágicos» fazem parte integrante desta obra. Seguidores de outras linhas são ou não da mesma opinião, e o presente tradutor faz parte do número dos que pensam que não.

Tratando-se a presente edição, em parte, pelo menos para o espírito do tradutor, como uma forma de apresentar a obra de Randolph limpa dos «apports» dos tempos, como foi dito na nossa

nota de abertura, achámos conveniente não incluir neste volume a secção dos espelhos mágicos. Não se trata, como alguns leitores não deixarão de pensar, de uma forma de «fazer render o peixe», por parte da editora. Toda a responsabilidade da presente versão assenta sobre os ombros do tradutor, sem que a editora tenha interferido no plano da obra. Aliás, a entensão dos «Espelhos Mágicos», muito curta, em nada faria ganhar ou perder, em termos materiais, à presente edição. Trata-se. pelo contrário, de uma forma de apresentar a obra de Randolph tão correctamente quanto possível — deixamos esta margem de segurança, na medida em que, como já dissemos, uma apresentação correcta é, hoje, completamente impossível — a um público que, na sua maioria, a desconhece, ou que, pelo menos, a conhece mal. Contamos poder apresentar mais tarde uma edição dos «Espelhos Mágicos», mas como tal, nunca como Magia Sexualis. A ninguém passará pela cabeça publicar, por exemplo, «O Crime do Padre Amaro», de Eça, como um dos capítulos de «A Cidade e as Serras».

Quanto à obra de Randolph, ela está hoje quase completamente liquidada. Os grupos que pretendem desenvolver um trabauho sério são minúsculos, e estão hoje completamente desligados dos seguidores oficiais. Estes últimos, seguidores de Naglowska, na maior parte dos casos, estão normalmente ligados a seitas hoje iniciaticamente inválidas, tais como a Rosa — Cruz e outras do mesmo tipo. (1)

Fazendo a nossa própria auto-crítica, não duvidamos que a presente versão está, certamente, afectada também por certos «apports» pessoais. O leitor poderá duvidar, está no seu direito, e só nos resta definir bem a nossa linha — pretendemos fazer remontar a presente obra ao seu espírito iniciático original, tal como Randolph a concebeu, e como sempre para um caso destes, o esforço foi o de «nadar contra a corrente»: limpá-la daqueles pormenores que definem hoje tão bem a degenerência das sociedades

(1) Sucessores de Max Heindel e similares.

iniciáticas tradicionais, tanto mais quanto o objecto da obra — a Magia Sexual — se presta hoje mais que nunca a interpretações contra-iniciáticas, como as de Maria de Naglowska, interpretações essas que não eram, certamente, baseadas em ensinamentos de Randolph, que ela jamais conheceu.

Eduardo Leão Maia

APÊNDICE

A primeira particularidade desta partitura é que não apresenta quaisquer notações sobre a natureza do compasso, ou mesmo da cadência a aplicar na sua execução.

Encontra-se, no entanto, dividida ritmicamente em compassos binários, existindo contudo duas excepções, ou seja, dois compossos cuja divisão de tempos não corresponde à divisão binária. São os assinalados com as chamadas (1) e (3). No primeiro, existe uma carência de meio-tempo. No segundo, um excesso de 3/4 de tempo. Como explicar esse facto?

Por um lado, devemos admitir que a transcrição (pelo menos, de um modo simplificado) de uma melodia deste género é sempre difícil, devendo ter em conta que as notações rítmicas são, de certo modo, estranhas aos padrões ocidentais e ao seu processo de notação. Por outro lado, não existem explicações extras, que nos façam obrigatoriamente acreditar na exactidão da transcrição da pauta apresentada, já que o próprio texto em que se insere apresenta lapsos e contradições. Além do mais, convém não perder de vista que se trata de uma melodia mágica, cuja execução e efeitos dependem essencialmente da preparação do executante, não se tratando, assim, exclusivamente, de pormenores técnicos.

Parece-nos, no entanto, que a solução mais correcta para a sua execução será, por um lado, atender unicamente ao valor absoluto das notas contidas nos respectivos compassos, como se houvesse uma mudança de compasso respectivamente submúltipla ou múltipla do apresentado, até, excepcionalmente, com características de ternário. Por outro lado, deixarmo-nos guiar pelo sentido do trecho e pela sua lógica implícita. Veremos que a maior ou menor perfeição da execução caminhará conjuntamente com a evolução e compreensão dessa mesma lógica.

O compasso assinalado em (²) apresenta-nos um Fa Bemol (17.° compasso), enquanto que no 16.° e no imediatamente anterior se nos apresenta Mi não afectado por qualquer acidente.

Não deverá o leitor ou executante pensar que deverão ser interpretados da mesma forma já que, na sua essência. Fa Bemol e Mi são diferentes. A sua diferença é expressa em *comas* (pequenos intervalos de respiração) quase imperceptíveis. Nenhum dos instrumentos acusa esta diferença — apenas os instrumentos de corda e sopro são sensíveis a ela. E é exactamente neste tipo de instrumentos que nos parece possível a execução desta melodia.

Note-se, no entanto, que a correcta execução e compreensão desta partitura só é possível com base no conhecimento do papel mágico de certo tipo de música.

Jorge Portela da Silva

NOTA DO TRADUTOR

A pauta apresentada é a que se encontra na versão de Maria de Naglowska. Ao escutar a sua execução não a conseguimos identificar como sendo alguma das melodias que, em tempos, escutámos, com sendo da autoria de Randolph. Este tinha, de facto, criado algumas partituras. Os instrumentos eram de sopro e cordas, acompanhados por ritmos de percussão. Diga-se também, em abono de Maria de Naglowska, que a sua melodia mágica não é diferente, nos seus aspectos estruturais, do tipo das que nos foi dado escutar. Queremos com isto dizer que a sua construção é, de facto, análoga a elas.

Eduardo Leão Maia

ÍNDICE

Apresentação 9
Quadro A — Correspondências Planetárias 17
Quadro B — Influências Planetárias Combinadas 18/19
Agradecimentos e Nota de Abertura 21
Prefácio 23
I — Introdução 29
II — A Fé de Eulis 33
III — Polarização dos Sexos 37
IV — A Cadeia Mágica e as Divindades 41
V — Volância 45
VI — Decretismo 49
VII — Posismo 51
VIII — «Tirauclairisme» 57
IX — Astrologia, Perfumes, Cores, Sons 63
A — Astrologia 64
B — As Cores 65
C — Os Perfumes 71
D — Os Sons e a Composição das Melodias Individuais 75
X — As Operações Mágicas Sexuais 81
Regras Gerais 81
As cinco Posições Fundamentais 87
XI — Desenvolvimento dos Sentidos e Faculdades 91
XII — O Sexo da Criança 95
XIII — Os Condensadores Fluídicos 97
XIV — Os Voltes 103
XV — As Cargas Mágicas 107
XVI — Condições de Preparação das Cargas Planetárias 111
XVII — Condições de Preparação das Cargas Projectoras 115
XVIII — Os Condensadores Fluídicos Individuais 119
Nota Final 123
Apêndice 127
Nota do Tradutor 129

ERRATA

PÁG.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
17	*camanho*	*cânhamo*
29	*lei*	*leis*
30	*materais*	*materiais*
31	*assimilidado*	*assimilado*
34	*inilês*	*inglês*
38	*confortemente à*	*conforme a*
47	*aparelho*	*espelho*
54	*mágicas*	*mágicos*
57	*execepcionalmente*	*excepcionalmente*
58	*dterminar*	*determinar*
58	*perpectiva*	*perspectiva*
65	*conformemente ao*	*conforme o*
78	*quizémos*	*quisemos*
123	*Maria sexualis*	*magia sexualis*

COLECÇÃO JANUS
SÉRIE SATURNALIA

Magia Sexual: «Magia Negra», «Magia Branca»? Um tema por demais duvidoso e difícil, seja qual for a atitude com que o encaremos. Esta obra rara de Pascal Beverly Randolph vem, pela certa, lançar uma nova luz sobre o assunto mais controverso da Magia Operativa: o papel do Sexo. Vem, também, servir de ponto de partida para uma nova iniciativa da nossa Editora — um estudo, consciencioso e honesto, dos irmãos menores das Ciências Tradicionais — SATURNALIA, o Telurismo na Tradição.